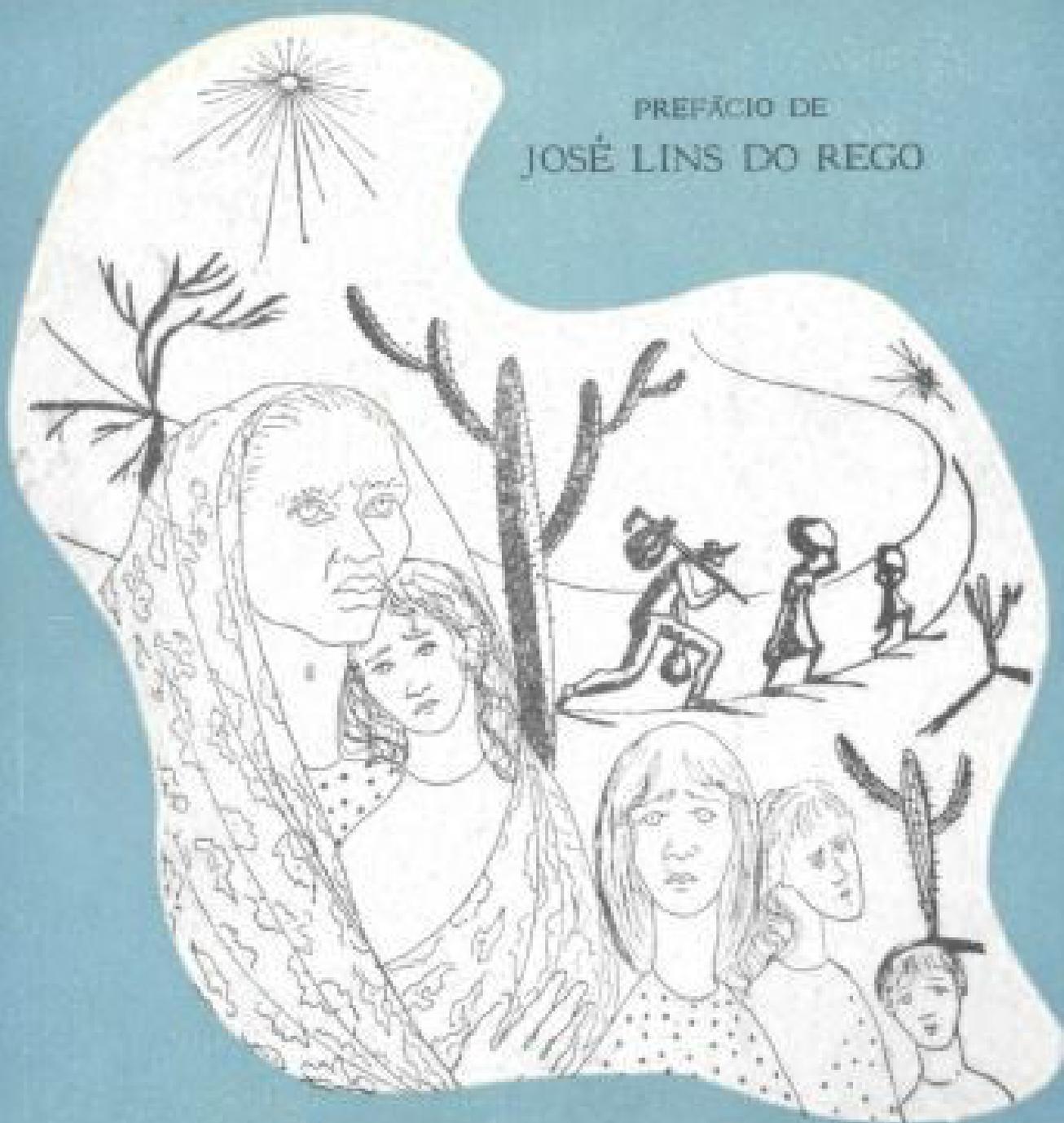


LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

CAMINHOS DO PAJEÚ

PREFÁCIO DE
JOSÉ LINS DO REGO



EDITORA NORDESTE
RECIFE

*A MEMÓRIA de mamãe
Dona CARLINDA DE ABREU SANTOS
que desde o bérço me ensinou a amar
o adusto sertão onde nasci.*

*Para MARLENE,
filha do sertão e minha espôsa
que me prendeu, para sempre, ao rio PAJEÛ.*

O AUTOR.

“CAMINHOS DO PAJEÚ”

PEDE-ME Luiz Cristovão dos Satnos um prefácio para o seu livro “Caminhos do Pajeú”. Todavia poderia dizer-lhe de ante-mão que não tenho galões de mestre para tanto. Mas não resisto a vaidade de aparecer de público, ao lado de tão brilhante e delicioso contador de histórias que é o jovem autor pernambucano. De fato, Luiz Cristovão é dos que me agradam em cheio, dos que conservam em tudo as suas origens matutas, a sua particularidade nativa. Autor e livro se identificam de tal maneira, que se lendo uma página de Cristovão, é como ouvi-lo, na conversa pitoresca e saborosa. Poucos que se dão às atividades do cronista, tipicamente sertanejo, guardam a simplicidade de narrar e de contar casos como a do jovem escritor nordestino. A sua narrativa, em tom de fato acontecido, absorve-nos inteiramente, dando-nos a impressão nítida da presença viva e camarada do homem que fala. Neste sentido a literatura de Cristovão muito se aproxima da admirável contribuição de Leonardo Mota. A vida pequena a que Luiz Cristovão se liga, cresce em suas histórias a ponto de nos tocar, como se fôsse crônica de um tempo que também é nosso. Sentimo-nos comparsa dos casos de Luiz Cristovão. Para mim não

há maior elogio a um autor do que êste de nos parecer a sua obra de ficção, realidade nossa.

Assim, é todo o livro "Caminhos do Pajeú", espécie de album de se guardar em casa, páginas e páginas, que nos fazem recordar o que é o nosso patrimônio emocionante.

Lá estão os cangaceiros, os cegos, os cantadores, as estradas, os rios, as caatingas, todo o nosso Nordeste das brabezas e dos rompantes, em quadros de um pintor de costumes, de um observador da vida capaz de só contar o que é o melhor da história. Aí está o poder da narrativa de Luiz Cristovão, no seu saber escolher o que é para ser dito, a sua maneira descuidada de nos fazer parar para um pedaço de prosa. O jovem escritor pernambucano é filho do mestre boticário da cidade de Pesqueira. Deve ter pegado nas conversas de porta de farmácia êste seu gosto de enredar os fatos, de fixar o quotidiano, esta sua penetrante maneira de contar.

JOSÉ LINS DO REGO

PAJEÚ: UM RIO DO SERTÃO

A FAMOSA serra do TEIXEIRA que se levanta nos contrafortes da BORBOREMA é a mãe do PAJEÚ.

Das suas abas e boqueirões descem os riachos humildes que são as nascentes do lendário rio sertanejo.

Pernambuco tem ao norte o seu ponto extremo, na ponta de terra que penetra o Estado da Parahyba. Alí é o município de São José do Egito. E naquele pedaço de sertão brabo a serra airosa é o divisor das águas, o limite natural entre os dois Estados.

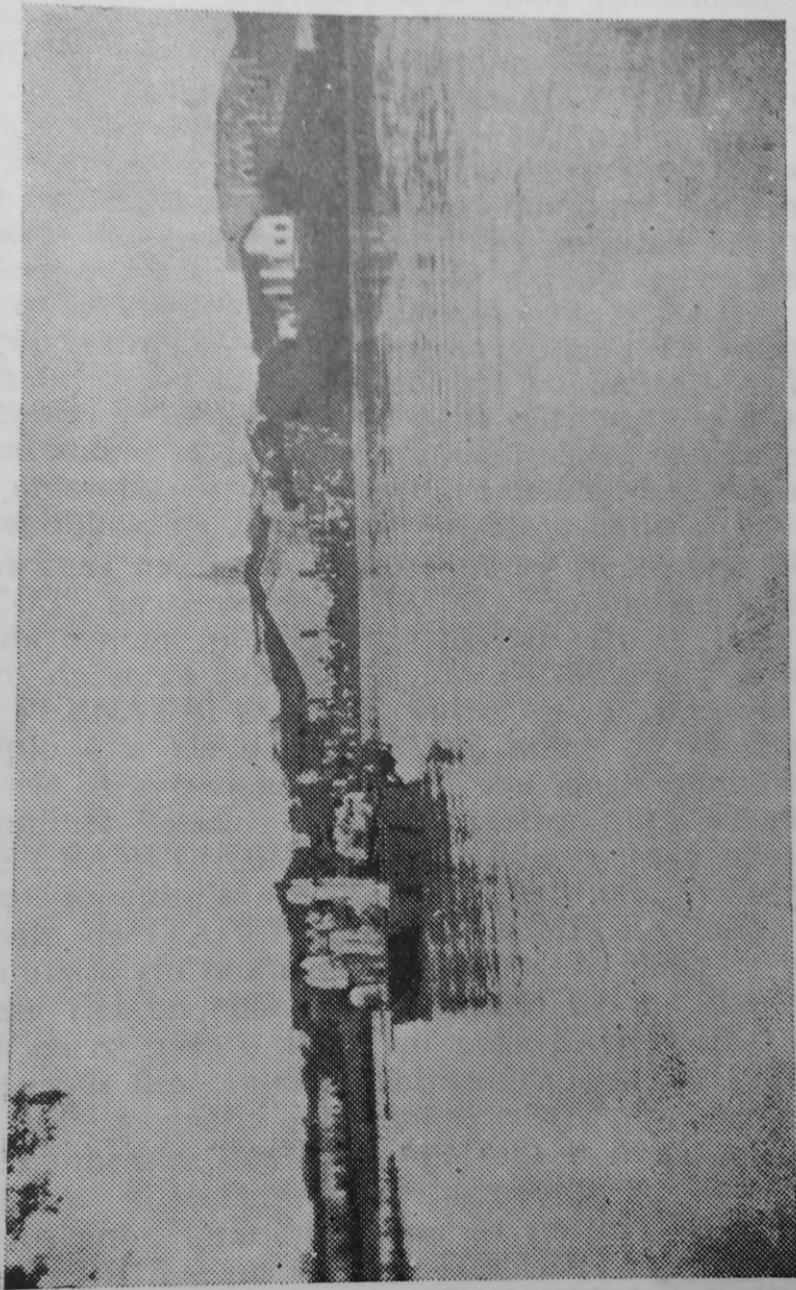
O povo batiza com a sua linguagem pitoresca alguns sítios que ficam no declive da serrania: “BALANÇO”, “TOMBADOR”, “BALANÇA”, assinalando assim, de viva voz, a linha divisória que se estira pelo cspinhaço da serra.

No inverno os riachos descem dos altos, rolando as águas que vão formar lá em baixo, o famoso rio dos vaqueiros e dos cangaceiros, que nasce pagão, identificado com a geografia e com a gente simples daqueles mundos ásperos. Porque o belo nome cariri que é a sua legenda só aparecerá muitos quilômetros além das nascentes que ficaram para traz, la-crimejando nos altiplanos da cordilheira.

PAJEÚ é vocábulo indígena. Quer dizer (PAJÉ-Y) — *o rio do feiticeiro*. Por certo, outrora, quando os índios cariris habitavam àquelas paragens — senhores absolutos da região — viveu às margens do rio algum piaga cujo prestígio dominava a região adusta. Então os guerreiros — donos da terra e do rio — em homenagem ao velho pajé, assim batizaram o curso das águas que vinham de longe, descendo da serra que azulava à distância e banhavam os domínios da nação cariri.

E lá ficou o rio a evocar os guerreiros que erravam pelas suas margens, guardando como sentinelas, até a chegada do branco fundador das fazendas, a beleza dos seus campos e o mistério das suas serras.

Em 1923, montado em uma burra o sábio austriaco LUDOVIDO SCHWENNHAGEN percorreu o sertão pernambucano à procura de imaginários vestígios da civilização fenícia por ventura existente nos sertões nordestinos. Da sua estafante viagem o geógrafo austríaco publicou no DIÁRIO DE PERNAMBUCO, curioso e pitoresco relato no qual revela a interpretação que colhera da tradição popular para o nome do rio PAJEÚ, assim explicada. Muitos anos atrás, um frade atravessara os sertões desobrigando os primeiros habitantes e índios iniciados na fé cristã, por ali aldeados, quando no caminho entre SERRA TALHADA e FLORESTA DO NAVIO encontrara na misteriosa serra de PICOS uma imensa furna de pedras, a qual podia abrigar facilmente centenas de pessoas. Dissera então o religioso que outrora aquela furna tinha sido um templo. O povo então batizou a furna de PIAGA-HÚ, ou seja, CASA DO SACERDOTE, DO PIAGA, pronunciando com *g* gutural o nome PIAGA-HÚ, de onde se originou o atual nome PAJEÚ que teria se estendido da furna ao rio que passava por perto. Verdade ou fantasia, fruto da imaginação do europeu, suando em bicas, ao sol inclemente, desgarrado pela caatinga, talvez sofrendo fome e sede naquelas andanças pelos caminhos inhóspitos, o certo



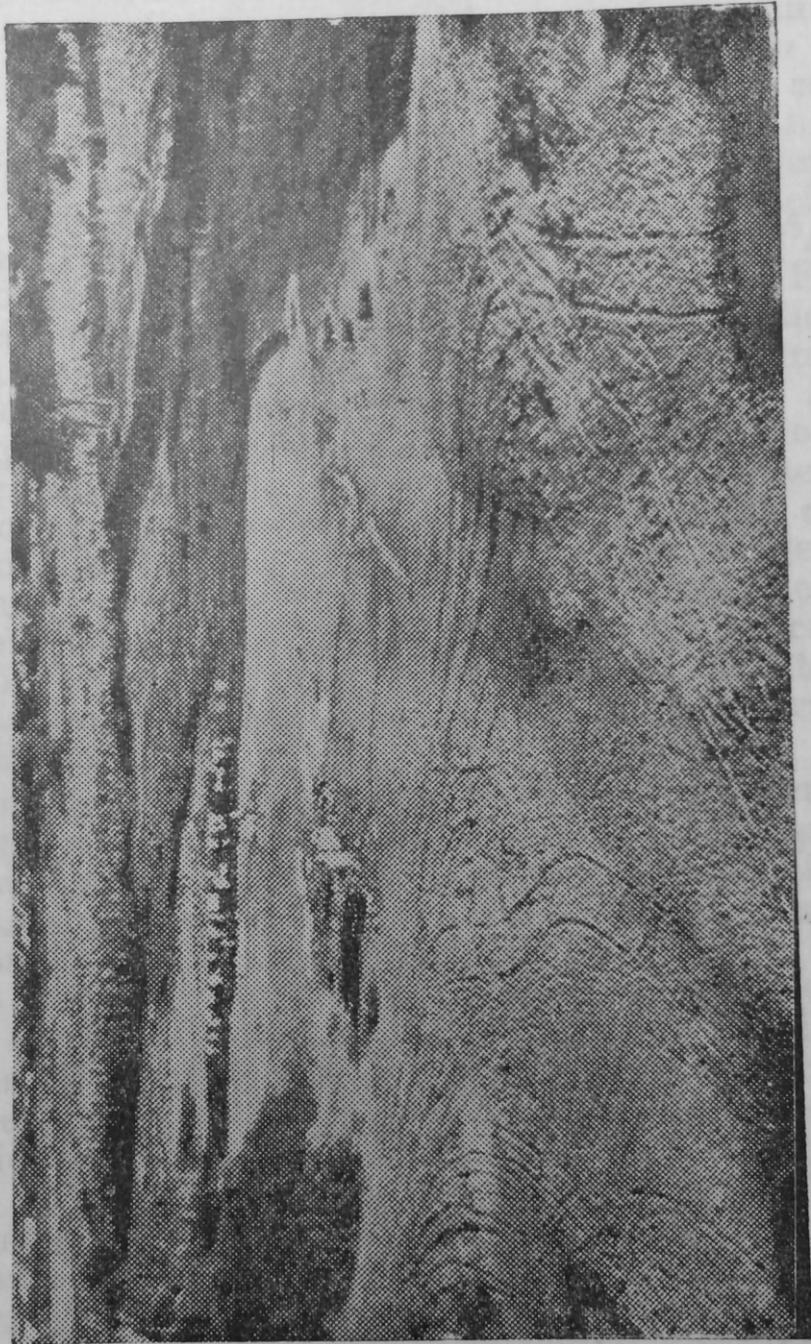
No inverno o rio Pajeú corre ameaçando as cidadezinhas.

CAMINHOS DO PAJEÚ

é que há um piaga presidindo o batismo do velho rio, tão rico de sugestões e o mais tradicional da hinterlândia pernambucana. Fiel aos barrancos onde campeiam as baraúnas e vicejam as quixabeiras, unido à terra como um filho amoroso, prêso as vazantes e aos baixos, enamorado dos “pés-de-serra” e dos vales férteis, agarrado à caatinga cinzenta, escutando os cochichos dos povoados humildes, lambendo os muros das cidadezinhas matutas, entrando sem pedir licença e com intimidade de parente velho pelas vilas quietas que branquejam ao sol, o PAJEÚ — serviçal e amigo — vai tomando o nome dos lugares por onde passa, como se quisesse contentar a todos, oferecendo generosamente a água barrenta das *cheias* ou matando a sede de quem o procura, — homeni, aves, animais, — com a água azulada dos poços e das cacimbas, na fase dolorosa das estiagens.

As suas nascentes mais distantes ficam nos “BALANÇOS”, na serra do TEIXEIRA, no lugar a que o povo dá o nome pitoresco de “TOMBADOR”, bem no declive da serra onde as águas se dividem; de um lado PERNAMBUCO, do outro, a PARAÍBA. A princípio é o rio da PIEDADE, nome da vilazinha que o rio atravessa no início da sua longa caminhada de cinquenta léguas. Depois se estira para os campos de CRAMUCUQUI, — vocábulo evocativo dos cariris, na toponímia sertaneja — chegando, em seguida à vila de ITAPETIM (antiga UMBURANAS), de cujo nome o rio também se apodera, no gôsto de permanecer fiel ao chão duro, eriçado de mandacarus. Depois corre para o JOÁ, vai para SÃO PEDRO, tomando essas designações, sempre grudado aos acidentes da sua geografia ribeirinha, carregando sertão a fora a lembrança das coisas que viu — árvores, ruas, animais, — só deixando êsse agarradio de ganhão muito adiante, quando chegar às portas do município de TABIRA e na vila de TUPARETAMA receber, enfim, o seu nome definitivo. Na propriedade “GROSSOS”, 9 quilômetros abaixo de SÃO JOSÉ DO EGI-

TO, as nascentes já estão reunidas aos primeiros afluentes. No leito apertado entre rochas e barrancos juntam-se o rio SÃO JOSÉ, o riacho dos "PORCOS", o riacho do HUMAITÁ", nome que lembra a grande batalha do PARAGUAY, trazido, talvez, por algum filho do sertão que lá esteve durante a "GUERRA GRANDE", ou foi dado ao riacho humilde por algum capitão ou coronel da "GUARDA NACIONAL", de olhar duro e civismo explodindo nas veias quando envergava a farda da "BRIOSA", para assistir missa na vila, votar nas eleições "a bico-de-pena", ou ostentar nos dias santos e feriados a vaidade da espada pendente ao lado, na indumentária vistosa que acendia no olhar atônito da matutada a nota mais alta do orgulho cívico do PAJEÚ. Depois de "GROSSOS" passando sob a ponte de cimento armado construída na rodovia do Estado o rio avança para o município de TABIRA, onde, ao chegar a *Tuparetama* — o antigo BOM JESUS, teatro por muitos anos das lutas sangrentas entre duas famílias da região — adquire finalmente o seu nome de guerra: é o lendário rio PAJEÚ. A seguir ostentando o nome famoso, corre para a antiquíssima vila da INGAZEIRA, alcança AFOGADOS, depois CARNAÍBA, FLÔRES, SERRA TALHADA, de onde obliquando para o sul se dirige à FLORESTA, a antiga FAZENDA GRANDE dos primeiros currais de gado do sertão, em cujo território vai desaguar no RIO SÃO FRANCISCO, nas proximidades da vila de ITACURUBA, e quase às portas do ribombo da cachoeira de PAULO AFONSO. Ali termina o PAJEÚ. Acabou-se o aventura do rio mais sugestivo e tradicional do sertão pernambucano. Atravessou a mais rica região sertaneja, — não somente riqueza de baixios, de *pés-de-serra*, de rapadura, algodão, do gado, — porém ainda mais rica, na expressão do seu *folclore*, na fôrça da sua tradição que teima em permanecer viva, num esforço ingente, apesar do trem, do caminhão, do rádio, do cinema, do avião, da bomba de gasolina, das estra-



No verão, o rio Pajeú é apenas areia

CAMINHOS DO PAJEÚ

das e das obras da *Contra-Sêca*, das profundas modificações que a Civilização vai imprimindo, como um rôlo compressor, na terra sertaneja. Modificações não só na paisagem física como também na própria alma do povo, o caminho de ferro rasgando a caatinga e as rodovias do Govêrno substituindo os antigos caminhos dos almocreves e dos tangerinos, criando novos hábitos, alterando os costumes, num silencioso trabalho de destruição vagarosa da velha tradição sertaneja. E essa região — a famosa *ribeira* do PAJEÚ — onde estão encravados seis municípios do Estado, é ao nosso modesto ver, um campo esplêndido às pesquisas e investigações dos estudiosos da formação étnico-social da gente sertaneja, isso graças ao PAJEÚ que não foi apenas o roteiro da penetração e do desbravamento pois foi acima de tudo o elemento fixador por excelência do homem, na fase da colonização e ainda hoje, adaptando-o às suas margens e aos seus campos, na luta pela sobrevivência que é ao mesmo tempo a dramática aventura da agricultura rotineira e da pecuária tão cheia de defeitos, criminosamente desprotegidas pelos poderes centrais da República.

A paisagem geográfica do PAJEÚ se apresenta com as mesmas características de solo, flora e fauna. A *ribeira* é vez por outra açoitada pelas “sêcas” impiedosas, e, lutando contra a adversidade do clima, tendo contra si a incúria vergonhosa do poder, o homem do sertão se agiganta e se torna maior do que o meio ingrato, contando com o seu mais decidido aliado na luta ingente que é o rio, até hoje esquecido e sem nenhum açude, e que lhe dá os meios necessários à vida: a água, as vazantes, o baixio, a cacimba.

Não só a água preciosa que esfria nos potes de barro, nas cabaças, nas *borrachas* de couro feitas para as longas viagens e para as *travessias*, como também a caça, o mel silvestre, alguns frutos nativos, o peixe escondido nos poços ou que sobe nas *cheias*, vindo alguns espécimens do SÃO FRANCISCO, o su-

rubim, o piau, a curimatã, o mandi, a traira, o dourado.

Assim o rio e o homem se entendem. Daí o amor que o velho rio desfruta naqueles mundos. O homem se sente prêso à *ribeira*, num apêgo ao chão onde se sente tão profundamente radicado como os juazeiros e as baraúnas, afeição essa que explode constantemente nas conhecidas *questões de terra*, nas lutas que as vêzes começam nos cartórios e vão para o campo raso, por uma cacimba, por um trecho de vazante, por um palmo de baixio, ao calor da fé e da confiança nas escrituras de domínio, nos velhos papéis de posse, guardados com fôlhas de fumo para conservar, escrituras que *rezam* os limites e as confrontações, enquanto as gerações se sucedem.

E caso falhem nas pendências a autoridade do doutor juiz e a fôrça do Código, uma lei maior aparece, surge uma autoridade mais respeitável para dar a sentença: a bôca do bacamarte, do papo-amarelo, do cruzeta, também o punhal afiado.

Quem observa o PAJEÚ sente na nomenclatura dos seus afluentes a alma simplória daquela gente, através do seu linguajar bizarro, onde nome de santos se misturam com os de animais, de abelhas e árvores, tudo na mais franca camaradagem. Há, por exemplo o riacho da ONÇA, o rio do ANGICO, o rio do EXÚ, o riacho de SÃO JOAQUIM, o rio do TAMBORIL, o riacho de SÃO JOSÉ, o riacho do BODE, o rio de SANTO ANTÔNIO, o riacho da VACA-MORTA, o rio do BOM-JESUS, o riacho dos PORCOS, o riacho da ABÓBORA, o rio do ESPÍRITO SANTO, o de SÃO PEDRO, o SÃO DOMINGOS, o SÃO GONÇALO, e o rio das UMBURANAS, do JOÁ, da URTIGA, o riacho do GAVIÃO, do UMBUZEIRO, do TIGRE.

Nomes que lembram a simplicidade daquela gente: rio da PEDRA BRANCA, da PEDRA VERDE, do POÇO REDONDO, do ENTRE-SERRA, do SACO, do POÇO NEGRO. Por causa de uma grande pedra



Nas estiagens prolongadas a cacimba e o jumento são dois símbolos do Pajeú

CAMINHOS DO PAJEÚ

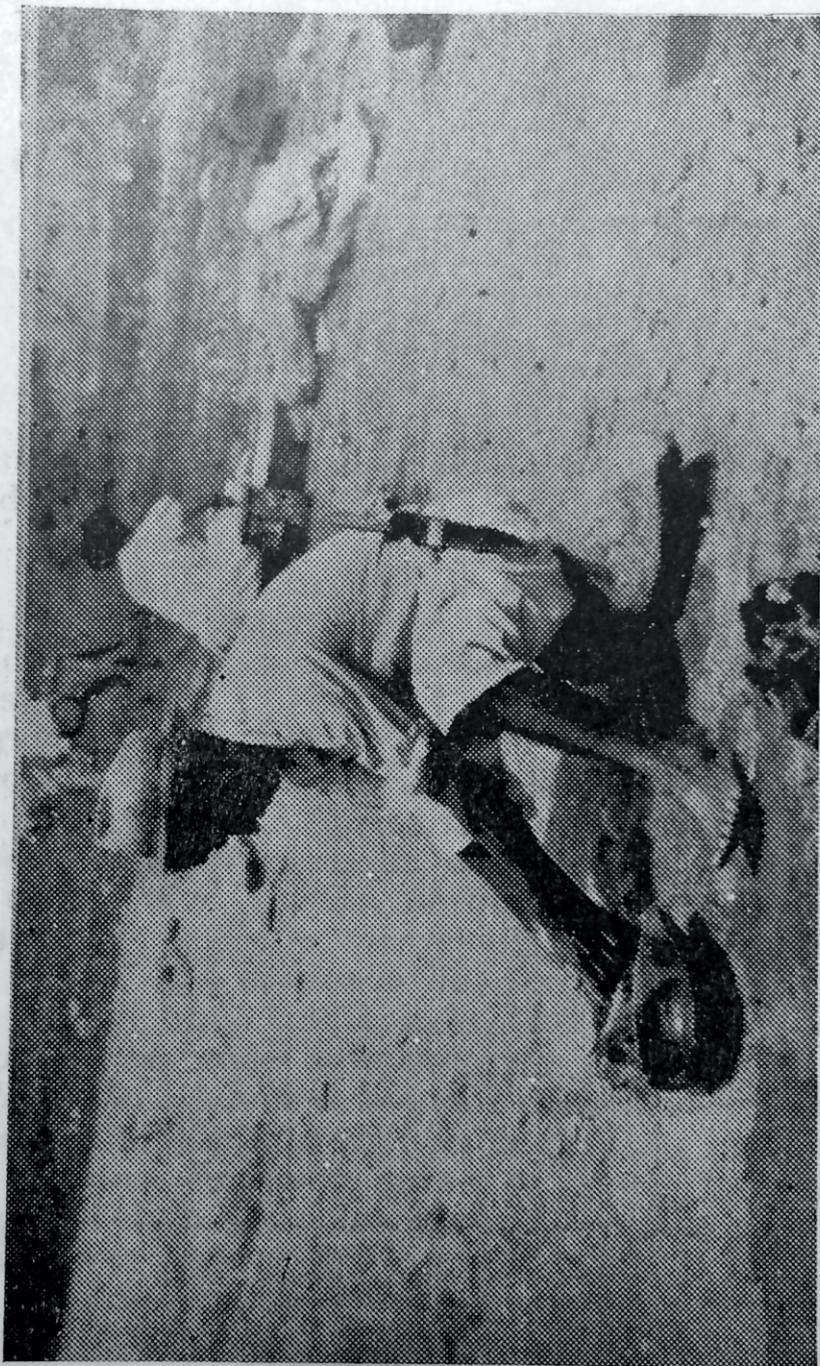
no meio do leito do riacho humilde lá vem a saudade do mar, a lembrança das caravelas na longa viagem em busca da aventura e da terra do sertão, adquirida com a escritura de aforamento passada na Casa da Tôrre: RIACHO DO NAVIO.

Outros batizam riachinhos humildes com nomes de encher a bôca: RIACHÃO, riacho do BROCOTÓ, rio do PANTALEÃO, riacho do ESTRONDO.

Um talvez evoque o estampido do bacamarte, na luta de vida e morte: RIACHO DA VÂRZEA DO TIRO. Nomes que guardam o sabor da linguagem bizarra: riacho da GONGORRA, riacho da PINGA, riacho do MIJO.

Fios d'água que o PAJEÚ engole para chegar ao SÃO FRANCISCO num rompante de rio de verdade, quando as *cheias* lhe extravassam o leito e êle corre, barrento e raivoso, para depois, quando chegar o verão ficar represado, quieto e manso nos poços, à sombra das ingazeiras e das baraúnas. Duas fases de vida tem o PAJEÚ. Quando há inverno — de março a junho — o rio corre e se dá ao capricho de ficar furioso, alarga o leito, inunda as vazantes, sobe pelos barrancos ameaça as vilas, e as cidades ribeirinhas. E negando passagem aos viajantes, lá vai, a água coroada de espuma, fertilizando os baixios, enchendo os poços, correndo para “alegrar a vista e lavar os peitos” como diz o povo. Passada porém a fase das chuvas — sempre incerta — vem o terror das estiagens. É a *sêca*, a mãe dos retirantes, dos *paus-de-arara*, da desgraça e da miséria que invadem os sertões. Então, para ser fiel ao seu destino de rio serviçal e amigo, ajudando o homem e lhe oferecendo os meios essenciais à vida, mesmo atribulada e rude o rio vence a natureza ingrata, supera a contingência do meio ambiente hostil e ingrato, se agiganta no meio da paisagem combusta e guarda sob dois palmos da areia grossa do alveo a água preciosa com que o homem vem matar a sêde, nas cacimbas bemfazejas. Por que o destino dêsse rio

sertanejo é servir. Desceu da cordilheira e procurou a planície, a caatinga cinzenta, o chão duro a paisagem estorricada. Traço de união formidável, a se estirar por mais de trezentos quilômetros, carregou para o São Francisco as águas dos altiplanos da BORBOREMA, que irão se confundir com as ondas, levando para a imensidão do mar o pinicado das violas dos cantadores e a saudade do aboio dos vaqueiros. Rio humilde, rio de sertão, rio *joão-ninguém*, cujo leito jamais foi barrado pelos açudes federais que fertilizariam os baixios, refrescando as vazantes, conservando a água e sustando o êxodo, o PAJEÚ é no entretanto, uma legenda viva de heroísmo anônimo e silencioso à espera de que melhor compreendam, a bravura da sua gente simplória e a capacidade da sua *ribeira* promissôra, para que se revele na pujança da sua fôrça telúrica, como realmente o é: uma grande reserva material e moral, da Pátria, perdidas nas paragens adustas do belo e faiscante Brasil sertanejo, do chapéu de couro e das quixabeiras.



No Pajeú, lava-se os pés à beira da cacimba.

“MUIÉ RENDÊRA”

PRIMEIRO chegou o baião trazendo o cheiro da terra e das quixabeiras. Era a mensagem musical do Piancó, da ribeira escaldante do Pajeú, do lendário Riacho do Navio, onde nasceu Lampeão.

No seu ritmo estranho, havia o amor impetuoso, a saudade magoada, a ternura das ladainhas de maio. As rezas do Padre Cícero, a fúria da alma jagunça, nos entreveros do cangaço.

Porque o baião é a fiel expressão da música sertaneja, nascida sob a influência do cantochão dos missionários que bateram os caminhos da “civilização do couro”, nos sertões nordestinos, influenciada ao contacto da geografia bizarra da *caatinga*, brotando das violas, das sanfonas de oito baixos, das zabumbas lamurientas, dos ganzás, dos pífanos e deitando raízes no chão salpicado de baraúnas e de *coroas-de-frade*. Aquêles homens rústicos, de mãos acostumadas ao buranhém, à enxada e ao bacamar-te *bôca de sino*, comendo carne de bode, farinha e rapadura, bebendo água das cacimbas e dos gravatás, possuíam a sua música, que veio dos fundos das grotas, dos pés-de-serra e dos descampados cinzentos, bolir com a alma dos grandes centros.

Pois o baião chegou, atravessou o Rubicon do asfalto e venceu na Metrópole, nesse encontro de

supetão com o Brasil — o do litoral, do rádio e da televisão...

E chegou tão fiel à terra, com sabor de umbú maduro, uns laivos de sangue cariri sacundindo as veias, trazendo o pinicado das violas, o aboio dos vaqueiros, o estrondo dos bacamartes, a voz arrasada das lavadeiras do rio, a denguece das cunhans de peitos furando os vestidos de chita, a amargura cantada dos cegos de feira, tôda a colorida geografia humana da terra áspera dos mandacarus e das juremas em flor. Versos de Inácio de Catingueira, de Romano da Mãe Dágua, rompantes do capitão Virgolino, queixas da cega Mocinha de Carnaíba das Flôres, aboios dos vaqueiros vestidos de couro, tudo captado pelas antenas da sensibilidade da gente simples.

Agora vem o xaxado que nasceu sob as alpercatas dos bandoleiros, dos *cabras* de corpo-fechado, com a medalha do Padre Cícero, brilhando no peito chamuscado de pólvora, o punhal emergindo do torax cruzado pelas cartucheiras e à mão o rifle *papo-amarelo* de bala na agulha para qualquer "cerconstança". Ao ouvir a música sertaneja contagiando as grandes cidades com o seu ritmo estranho, lembrei-me de quando vi pela primeira vez a dança do xaxado, ao som da *Muié Rendêra*—o hino de guerra de Lampeão.

O bandoleiro famoso havia entrado em Custódia, úma vilazinha quieta, perdida no alto sertão pernambucano. O grupo sinistro estava *formado* na praça da Matriz, enquanto o chefe, acompanhado de dois *cabras* e de "seu" Leopoldo Mafra percorria as casas comerciais do lugarejo, fazendo a coleta de dinheiro, balas e mantimentos. "Seu" Zé Rouxinol ficou encarregado de providenciar o almôço para o bando. E o comerciante Leopoldo de apresentar o *homem* a quem possuísse dinheiro na terra. Ninguém esperava o grupo do cangaço. Ele chegou sem aviso e sem disparar um tiro. De início supuzeram que aquêles homens armados fôsem uma *tropa* da polícia, pois em

CAMINHOS DO PAJEÚ

Custódia passavam constantemente as volantes, à procura dos cangaceiros.

Dai a surpresa daquela visita. Os cangaceiros atravessaram o riacho às portas da vila e entraram por um beco que dava para a praça da Igreja, onde meu pai possuía uma casa comercial.

Vinham em três grupos de oito homens, de armas à mão, a bala na agulha, em posição de combate. No último, pronto para a retaguarda fulminante, estava Lampeão.

Ninguém pôde me deter em casa. Eu quis ver o *herói* cuja fama abalava aquêles mundos ásperos e que enchia de fragor a minha imaginação de criança. Corri para a bodega de “seu” Leopoldo, onde Lampeão estava encostado ao balcão, de óculos escuros que não escondiam porém a cegueira do olho direito, um bruto punhal emergindo do cinturão largo, o tórax cruzado pelas cartucheiras, embornais ricamente bordados à tiracolo, as mãos descansando à bôca do mosquetão, todo êle transmitindo um ar de bravura selvagem. Em cima do balcão rústico o chapéu de couro onde luziam três estrélas. Postei-me diante dele, de olhos arregalados, vivendo o mais estupendo minuto da minha infância.

Lembro-me da voz do *capitão Virgolino Lampeão*, imperiosa e grossa:

— Me alcance um copo d’água.

Embarafusei pelo corredor e trouxe o copo d’água para matar a sêde do Rei do Cangaço.

“Seu” Leopoldo se desmanchava em atenção:

— Capitão Virgolino, o tempo tá ruim, não há dinheiro, mas o senhor vai levar sempre alguma coisa. Mesmo porque nós todos estamos ajudando “seu” vigário a construir a igreja.

Levantou a mão e mostrou no adro a igrejazinha que o padre Leão Verzeri, levantava no meio da praça, à custa dos maiores sacrifícios. Lampeão retrucou:

— Tá bém. O que vinhé, serve.

Então, Virgolino percorreu a vila. Tirou dinheiro. Adquiriu munição e provisões de bôca. Na farmácia do meu pai, entrou e disse:

— Tenho dois rapazes que ainda não ficaram bons dos balaços que receberam. Quero que o senhor faça os curativos deles. Pra mim quero um meizinha boa prá dôr de cabeça e prá azia.

Meu pai lhe forneceu alguns medicamentos. Em seguida, “tratou” de dois *cabras* feridos a bala, dias atrás; limpando os ferimentos com água oxigenada e neles metendo mechas de algodão embebidos em iodo. Lampeão perguntou:

— Quanto devo?

Meu pai respondeu: *Nada* “seu” capitão.

Lampeão agradeceu: “De hoje em diante ninguém *bole* com o senhor”.

Ao meio dia os *cabras* almoçaram e depois foram descansar no oitão da bolandeira de “seu” Antônio do Junco. O cangaceiro Chá-Preto — negro terrível, de olhos injetados, cujo rosário de crimes fazia tremer — aproveitou para percorrer o arruado vendendo bilhetes de uma mauser F. N., que êle rifara. Nem é preciso dizer-se que todo mundo comprou bilhetes, mesmo porque Chá-Preto chegava a uma pessoa e dizia:

— Quero lhe vender um bilhetinho dessa arma que está na rifa. A *bichinha* é muito boa.

Manobrava a arma e detonava tôda a carga quase às barbas do cristão.

Assim, não ficou bilhete da rifa.

No oitão da bolandeira um *cabra* cantarolou baixinho:

*“Uê! Muié Rendêra
Uê! Muié Rendá
Chorou por mim não fica
Soluçou vai no Borná”.*

Mais à frente, outro repetiu o verso. Então o

CAMINHOS DO PAJEÚ

grupo todo alteou a voz. Levantaram-se e começaram a “xaxar”. O pé direito se erguia, a alpercaia roçava àsperamente a terra, enquanto o esquerdo recuava, num compasso monótono, o ruído das solas casando-se aos versos cantados ao mesmo tempo e ao coice da carabina batido com fôrça no chão duro.

Aquilo era o “xaxado”, a dança dos homens sem lei, formados em fila, cantando e arrastando as alpercatas de couro cru.

Depois do estribilho, cantavam os versos:

*A mulher do Epitácio
teve um menino chorão:
o povo já está dizendo
que é filho de Lampião.*

*As moças de Custódia
são feias mas têm ação;
botam queijo e rapadura
no borná de Lampião.*

*Minha mãe me dê dinheiro
pra comprar um cinturão,
pra viver de cartucheira
no grupo de Lampião.*

*Lampião subiu a serra.
Lampião desceu ladeira:
procurou mulher bonita,
cantando mulher rendeira.*

*O capitão Montenegro
correu, como boi fujão,
só com medo do galope
do rifle de Lampião.*

*As fôrças de Pernambuco,
são um bando de urubu
perseguindo Lampião
que é filho do Pajeú.*

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

*A mulher de seu Ozório,
é mulher trabalhadeira:
passa a noite trabalhando,
de manhã já tem pra feira.*

*Onde Lampião habita,
os bichos ficam valentes:
macaco briga de foice,
carneiro fica insolente.*

*Lampi . . . Lampi . . . Lampião.
Segure o rifle, negrada!
si a vinda dêle é cruel,
a volta é mais injoada".*

Poema bárbaro, canção de guerra, versos de fogo que Lampeão gostava de ouvir, na fúria dos tiroteios ou festejando as suas vitórias sangrentas, "MUIÉ RENDÊRA" era a marselhesa selvagem que incendiava a alma jagunça do cangaço.

DO ALMOCREVE AO “CALUNGA” DE CAMINHÃO

— **V**AMBORA pessoal, já tá quebrando a barra do dia. Era a voz pastosa do almocreve chefe, acordando os companheiros de viagem, ainda com o escuro da madrugada, no pouso, sob um juazeiro, à beira do caminho.

Os tropeiros se levantavam com estrépito, bocejavam alto, se “espreguiçando” para estirar os músculos moídos na caminhada. Num instante, com uns gravetos de marmeleiros ascendiam o fogo, para o cafèzinho matinal, o pó dissolvido n’água que fervia na marmitta de flandres, na trempe de pedras.

Em seguida, entre baforadas de cigarros de palha, arreiavam os burros, em cuja lombada colocavam a carga dos fardos e, ao primeiro clarão da manhã, a tropa seguia estrada à fora, enquanto o vento frio arrepiava as baraúnas, espalhando um cheiro bom de fôlha de mato e de terra orvalhada. Obedecendo aos estalos do relho, ia à frente a madrinha da tropa, uma burra adextrada, ostentando arreios mais vistosos, em cujo peitoril brilhava uma estrêla ou um coração de metal. As léguas se extendiam diante da burrama, nos caminhos tortuosos e estreitos. Mas tropeiro não teme distância, nem sol, nem chuva, galgando as lombadas de serra varando os grotões e vencendo os atoleiros do inverno.

— “No pingo do meio-dia devemos tá na Alagôa de Baixo e quando a estrela papaceia alumia, nois vamo navegando no Afogado da Ingazeira”.

Eram assim os almocreves, transportando pelas cidades e vilas as mercadorias, quando o trem ou o caminhão ainda não haviam surgido na paisagem sertaneja. Os pontos finais da linha férrea ficavam longe das cidadezinhas e os tropeiros para lá se dirigiam a fim de conduzirem as mercadorias na lombada dos burros, batendo os caminhos esburacados na longa viagem que durava dias e noites, interrompida, apenas, nos pousos onde existissem pastagem e água para os animais.

Sóbrio e infatigável o almocreve era uma tradição na vida áspera daqueles mundos. No trajeto, se ameaçava chuva, pediam pousada às fazendas:

— Ôô de casa. É de paz...

Arriavam os fardos e dormiam no alpendre largo. No verão sob o céu estrelado, quando o sono os amolentava, a pousada era ao-Deus-dará, sob os juazeiros e as quixabeiras dos descampados.

Almoçavam e jantavam carne assada, farinha e rapadura. Eram homens fortes, de gênio alegre, acostumado à vida crua da tropeiragem, gritando ao estalo do buranhém:

— Ei! “Medaia”! Caminha “Pintado”. Passa prá frente “Roxinha”!

O almocreve era o meio de transporte tradicional do sertão que o caminhão e o trem anularam quando surgiram as estradas da *Contra-sêca* e os trilhos da linha férrea, sôbre dormentes de baraúna, cruzaram as fronteiras da “caatinga”. Apareceu assim um novo personagem na vida do interior: o caminhão. Muitos dêles ostentam um nome pintado no para-choque.

Uns dizem: “O Rei das Estradas” — “O Gostoso das Morenas” — “O Rancho da Serra” — “O Salão das Meninas”. Outros demonstram a alma religiosa dos donos, o temor dos desastres e dos imprevidos e trazem o letreiro místico: “Com Deus Vou e

Volto” — “Jesus é Meu Guia” — “Maior do que Deus, Ninguém” — “Me Proteja a Mãe de Deus”.

Outros traduzem a alma aventureira do *volante*: “Vou Partir e Chego Já” — “Comigo é no Duro” — “O Bamba da Estrada” — “Me Espere Que Já Chego” — “Quer Ir Mais Eu Vambora” — “Vou Prá Mangaritiba”.

Uns são amorosos e sentimentais, levam o nome da mulher querida, da namorada ou da noiva que reza quando o caminhão parte e estremece quando êle chega, poeirento e heróico, varando as estradas. Muitas são as mulheres dos caminhos da vida, muitas existem nas cidadezinhas e nas vilas e coração de chofér é como de marinheiro: em cada pôrto e em cada cidade, nas encruzilhadas do mar e nas curvas dos caminhos há mulheres que suavizam a trabalhadeira bruta e com o riso amigo e o coração palpitante, fazem esquecer um pouco, os perigos do officio, a biéla traiçoeira, os jumelos, a contra-barra, a *encostada* na barreira, a morte viajando também ao lado do chofér, as vêzes sentada na boléia, como u’a dama velada e misteriosa, que aparece de repente nas curvas fatais, quando a barra da direção se parte.

O certo é que lá vão os caminhões carregados, gemendo ao pêso das cargas, tendo ao lado o sacco de couro cru com água fria para as travessias da *Contra-Sêca*, ligando as cidades, encurtando as distâncias, fomentando o comércio, trazendo e levando cargas, o açúcar da mata, os cereais do agreste, gado e madeira do São Francisco, a rapadura, o queijo, as peles do Sertão. E levando e trazendo gente, *retirantes* para São Paulo, *boiadeiros* para a Bahia, *romeiros* para o Juazeiro do Padre Cícero e para Solidão.

Um dia se escreverá o romance do chofér, do calunga, do *azeitado*, do *ajudante* que não cansa, varando as noites, cochilando nas cargas, e mal o caminhão pára, rangindo os freios, salta de cepo à mão, apanha a maleta do *bigú*, acomoda o *passageiro* e do

alto da carga, solta o brado de partida, como um rei no seu trono, muito lampeiro e dono de si:

— Queima o chão. Vambóra! Fé em Deus e pé na taba!

Então os pneus devoram a estrada. As gaitas modulam doces canções do povo — *Aza Branca* — *Mineiro Pau* — *Juazeiro*. E os caminhos se encurtam, as cidades se comunicam, as vilas se aproximam, os Estados do Sul ficam à *légua de beijo*. E há comércio, transporte para a produção, dinheiro para quem tiver o que vender.

As vèzes, à margem do caminho, numa encruzilhada de estradas, aparece um rancho humilde, tendo à frente uma *puxada de saia-de-ariú*. É um hotel de emergência. Na sala de barro batido há uma mesinha tósca onde uma velhota serve em pratos ordinários, carne assada, farofa e arroz. Também, ali se bebe um cálice de cana, um cafèzinho quente e se come cocada e bôlo de milho. Ao lado, há um terreiro limpo e varrido, onde o caminhão pode parar, à sombra de um juazeiro, para esfriar os pneus. Numa tábua de caixão há um letreiro modesto: *Café dos Motoristas*.

O calunga bebe um pouco d'água de cacimba esfriada num pote colocado sôbre uma trempe de catingueira fincada no ângulo da salinha. E pede que lhe sirvam o almôço acompanhado de mólho de pimenta. Matutos de calças *meia-coronha* vendem aos transeuntes queijo de coalho e garrafas de mel silvestre. Depois o *ponto* se torna conhecido. Os caminhões vão estacionando ali, aumentando o movimento do hotelzinho, onde uma garçonete morena, de olhos negros e lábios frescos é a *isca* para a freguesia, que lhe devora com olhares cobiçosos a rija carnacão desenhada sob o vestidinho leve.

Outros ranchos vão aparecendo. Mais casas de taipa, outras de tijolos.

Alguém observa o movimento da estrada. Sente o *faro* do lugarejo que vai nascer e instala uma

CAMINHOS DO PAJEÚ

bomba de gasolina. Um dormitório para os viajantes, também é construído. É o arruado que surge da noite para o dia, naquela encruzilhada deserta. Dali nascerá a vila. Assim o caminhão ajuda a fincar os alicerces de mais um aglomerado humano na paisagem sertaneja. Encurtando distâncias, transportando cargas e passageiros, êle é um novo fator de progresso e civilização nos mundos do Pajeú e do Moxotó.

E o *calunga* vestido de macacão, o chofer que não cansa, grudado ao *volante*, de manhã à noite, é um desbravador anônimo, ajudando a fincar os marcos de uma nova era para o sertão, cortado de estradas e de caminhos. Êle é, em verdade, um bandeirante sujo de óleo, varando as fronteiras agressivas da caatinga.

UMA FEIRA NO SERTÃO

NUNCA me esquecerei do homem que vendia medallhas e retratos do Padre Cícero na feira da vila de Custódia.

Eu era menino, e logo cedo saltava da rede com o barulho daquele acontecimento que tóda semana quebrava a quietude e pasmaceira do lugarejo.

Primeiro ía namorar os caçuais de frutas que vinham dos brejos de Triunfo, na serra da Borborema. Depois corria ao oitão da Igreja onde se vendiam cabras e carneiros, onde também ciganos finórios trocavam cavalos, dizendo frases manhosas:

— “O animal é bom mesmo. Se tiver defeito tá na vista”.

Dali seguia para o *bebedouro*, no riacho que passava por traz da rua e ficava a olhar os moleques lavando, por alguns tostões, os cavalos dos fazendeiros.

Se aparecia alguma égua, os cavalos atroavam o espaço com relinchos, davam coices, levantavam-se nas patas trazeiras, ameaçando partir o cabresto de caroá.

A molecada prorrompia em gritos e palavrões. Aquelas palavras ásperas doíam nos meus ouvidos mas era eu menino de sertão e o espetáculo do amor brutal, entre coice e mordeduras, fascinava a minha

UMA FEIRA NO SERTÃO

NUNCA me esquecerei do homem que vendia medalhas e retratos do Padre Cícero na feira da vila de Custódia.

Eu era menino, e logo cedo saltava da rede com o barulho daquele acontecimento que tôda semana quebrava a quietude e pasmaceira do lugarejo.

Primeiro ía namorar os caçuais de frutas que vinham dos brejos de Triunfo, na serra da Borborema. Depois corria ao oitão da Igreja onde se vendiam cabras e carneiros, onde também ciganos finórios trocavam cavalos, dizendo frases manhosas:

— “O animal é bom mesmo. Se tiver defeito tá na vista”.

Dali seguia para o *bebedouro*, no riacho que passava por traz da rua e ficava a olhar os moleques lavando, por alguns tostões, os cavalos dos fazendeiros.

Se aparecia alguma égua, os cavalos atroavam o espaço com relinchos, davam coices, levantavam-se nas patas trazeiras, ameaçando partir o cabresto de caroá.

A molecada prorrompia em gritos e palavrões. Aquelas palavras ásperas doíam nos meus ouvidos mas era eu menino de sertão e o espetáculo do amor brutal, entre coice e mordeduras, fascinava a minha

curiosidade nascente. Voltava ao centro da feira onde “seu” Luiz Louceiro expunha a sua rude cerâmica primitiva, potes, alguidares, panelas, pinicos, tudo de barro avermelhado e cozido ao fogo, inclusive uns bois de olhos assustadiços e cavalinhos pintados de branco que me deleitavam. Passava horas, esquecido no meio do borbórinho da feira, vendo a matutada comprar e vender. O calor sufocava e a poeira subia no mormaço. Vozes vagarosas cantavam os pregões e elogiavam a mercadoria.

— “Eita rapadura boa danada. Essa é mesmo do Cariri. O doce dela não nega”.

Um sujeito mais à frente, encostado a uns sacos, desafiava:

— “Quem tiver farinha mais “arva” encoste que dou a minha de graça”.

Um *cabra* que vendia faca-de-ponta do Pajeú, dizia, em tom convincente a um camarada:

— “Êsse punhá foi feito por Mestre Barbosa, da Carnaíba. Fura inté “arma” do outro mundo.

Ao lado de um malote manchado de gordura, gritava um rapazola:

— “Encosta gente, tá se acabando o queijinho do Seridó!”

De chapéu à nuca e camisa de riscadinho fora das calças dizia outro:

— “Feijão que eu vender é bom mesmo. Não tem *sobroço* nem bicho.

Havia perguntas:

— “A cuma tá êsse fumo?”

— “Dois mi réis a quarta”.

— “Vôte. Tá caro”.

— “Quá é o preço dêsse feijão-de-corda?”

— “Três mil réis a cuia”.

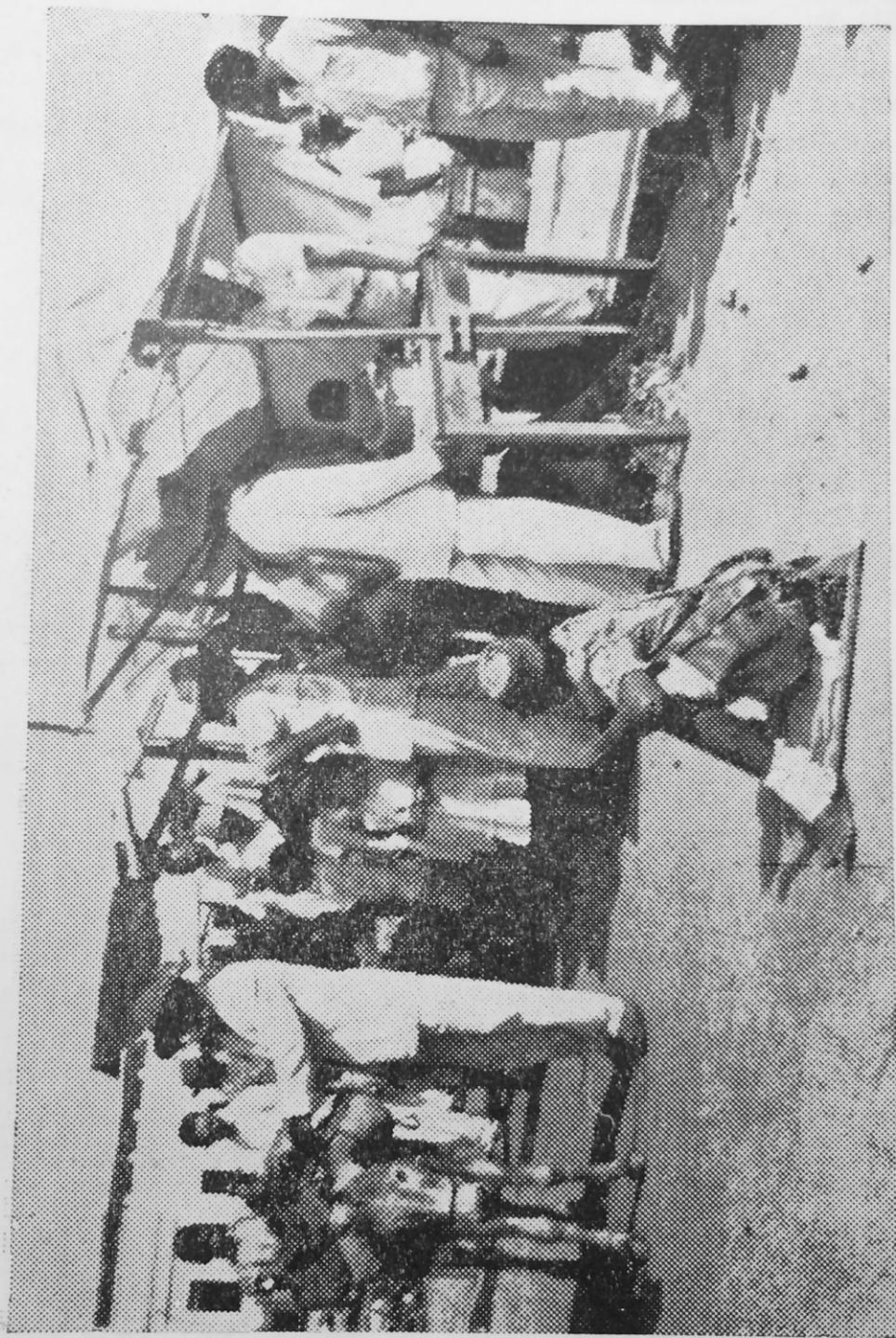
— “Crédo qui tá cá gôta de arto. Santa Virge...”

— “Se má pergunto, qui meizinha é essa?”

— “É banha de cobra cascavé prá reumativo”.

Então o sujeito ensinava a usar o remédio:

— “Tome o chá do velame, serenado. E vá bo-



Feira do Pajeú, a "tolda", o jumento e o aleijado.

tando a banha “em riba” das juntas que doer. É tiro e queda.

E a feira rolava, sob o sol de rachar. Vendia-se de tudo: chapéu de couro, arreios, fumo, feijão, milho, peles, rapadura, queijo de coalho, garrafas de mel e de manteiga, espingarda, punhal, rosários, estampas de santos, cascas de páu, rêdes, farinha, ao zum-zum da matutada que vinha prá rua, de roupa de brim e alpercatas nos pés andarilhos. No centro da praça, os cegos pediam esmola:

— *Ó irmão que vai passando*
Veja lá, repare bem;
Quando Deus pediu esmola
Foi prá nois pidir também.

O vintém da mão caridosa tinha no fundo da bacia de flandres e lá vinha o agradecimento na voz arrastada:

— *Deus lhe pague a sua esmola*
Que me deu com alegria
No reino do céu se veja
Cum tôda sua família.

Também os cantadores, de viola em punho, prendiam a atenção do povo, cantando, ao pinicar das cordas, os versos das histórias que embalavam a imaginação daquela gente simples. Era a *Donzela Teodora*, *O Capitão do Navio*, *As Façanhas do Vaqueiro Zé Garcia*, *A Peleja de Inácio da Catingueira* com *Romano da Mãe d'Água* e o grande número do desfile poético, o mais aplaudido, que eram os *Milagres do Padre Cícero*, onde Satanaz, fedendo a enxôfre, era surrado pelo cajado do Taumaturgo. Na bodega de “seu” Leopoldo Mafra, um sujeito baixo e atarracado de corpo, sentava-se em um tamborete, pendia

a cabeça sôbre o fole e, de cigarro apagado no canto da bôca, tocava “Muié Rendêra”, numa velha sanfona de oito baixos, marca *Veado*.

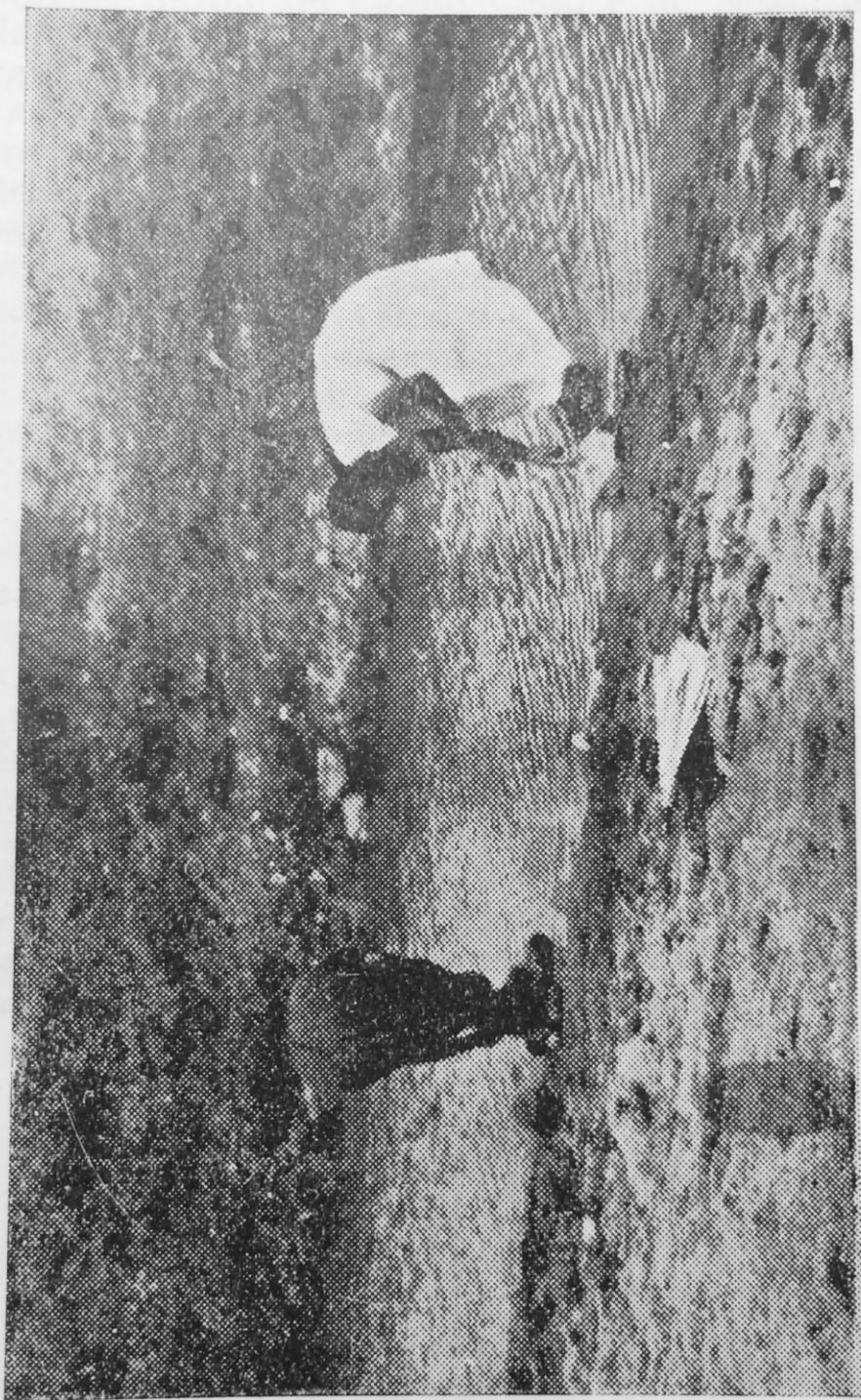
Era a música do sertão, na sua expressão mais fiel — sanfona, cantoria de cego, viola de cantador de feira — marcando profundamente a minha sensibilidade menina.

Os “missangueiros” estendiam pelo chão, em esteiras de catolé, seu variado sortimento inclusiveervas e raízes de pau, para *meizinha*.

Era a rapa do angico, para os males do peito; da quixaba, para ferimentos de arma de fogo e queda de cavalo; mastruço, para tosse; murici, para levantar *fôrça de home*; jurubeba, para o fígado; velame, e cabeça de negro, para limpar o sangue; quebra-pedra e mandacaru, para os rins, pau-de-leite, para *muié que não se despachou*; catingueira rasteira, para dar *sustança a home que esfraqueceu*; havendo, também, banha de jararaca e de ema, para reumatismo das juntas.

No meio do pátio da feira, levantava-se a fila de “toldas”, uma mesa tósca, forrada com um chitão ou toalha esquadrejada e por cima, à guisa de cobertura, um lençol que resguardava o calor do sol.

Umase eram pequenos restaurantes onde a matutada comia em pratos de flandres ou pó-de-pedra, carneiro guisado, carne assada com feijão, farrofa ou jerimum, rapadura, pão-doce, cocada. E bebia capilé, vinho de jurubeba, aguardente *temperada* com raízes para baixar o calor e refrescar o sangue. Outros vendiam miudezas, carretel de linha “60”, brilhantina *Pátria Amada*, pó-de-arroz *Lady*, sabão de côco, grampos, pentes, marrafas, frascos de cheiro que endoideciam as caboclas. A *tolda* mais prestigiada era a de um *missangueiro* do Juazeiro, um sujeito vermelho, de cabelo *rusagá*, neto de holandês com índio, que descia do Cariri, varando o sertão na mascateação religiosa.



Quando as sertanejas vão à missa ou à feira, lavam os pés antes de entrar na rua.

Chegava a Custódia e soltava o vozeirão no meio da feira:

— “Chega devoto do Padim Cisso e de Nossa Senhora das Dôres!”

Chega que cheguei também, trazendo medalha e têrço e rosário e retrato do meu Padim!

A matutada tirava o chapéu e se aproximava reverente, para adquirir as gravuras do Taumaturgo e os rosários famosos do Juazeiro, onde as contas das Ave-Maria eram azuis, e, brancas, as dos Padre-Nosso. O homem recebia o dinheiro e o metia na *bruaca* que trazia pendente ao hombro.

— “Chega devoto, chega”.

E passava o dia vendendo medalhas e os retratos do Padre Cícero, encaixilhados em molduras modesta.

Acostumei-me, depois, a ver em tôda casa do sertão, nas ruas, nas fazendas, nos sítios, — o retrato do Padre Cícero ao lado da gravura do Coração de Jesus.

Até em casas comerciais, no alto das prateleiras entre duas garrafas contendo ramos de pinhão, prá afugentar máu olhar e fregues velhaco, lá estava o Padre Cícero, de olhar tranquilo e cajado na mão.

Também assistia a partida das romarias, que iam pagar promessa no Juazeiro. Umas iam a pé, vencendo léguas de caminhada exaustiva, ao sol faiscante, cantando hinos e benditos pelas estradas:

*Naqueles longes caminhos
a gente às vêzes se areia
valei-me meu Padim Ciço
e a Mãe de Deus das Candeia.*

*Eu entrei na casa santa
fugiu-me o sangue das veia
valei-me meu Padim Ciço
e a Mãe de Deus das Candeias.*

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

*Sôbre os caminhos da vida
a luz que mais alumeia
é o santo Padim Ciço
e a Mãe de Deus das Candeias.*

Outros iam a cavalo, em grupos joviais, dormindo pelas fazendas, no percurso enorme.

O caminhão surgiria depois com a abertura das rodovias. E aquela mística do Padre Cícero, capaz de arrastar multidões que não temiam nem sol nem fome, nem léguas de caminhada, criou também dentro de mim uma vontade enorme de ir visitar o Juazeiro. Até que um dia, anos depois da paisagem tranquila de Custódia, abalei-me também em visita à cidade dos romeiros.

A BATINA E O BACAMARTE

SAI de Sertânia, de rota batida para o Juazeiro do Padre Cícero. O médico Raul Lafaiete ia ao meu lado, dirigindo a *baratinha* "Ford" que chispava estrada a fora, levantando poeira e engulindo a quilometragem que se estendia a nossa frente. O motor roncava e a voz pastosa do companheiro quebrava a monotonia da viagem cantando valsas e sambas e até trechos de missa cantada. É verdade que o cantor era ruim mas a variedade do seu repertório é a maior do mundo.

Em Salgueiro, tomamos a estrada do Ceará. A tardinha divisei campeando na linha do horizonte, azulada e formosa, a serra do Araripe.

E quando as estrêlas faiscaram por sôbre as carnaubeiras do Cariri avistei na planície a cidade do Juazeiro prestigiada pelo nome do Patriarca cuja fama eu guardava desde menino, através das histórias que ouvira. Um dia ali chegara, obscuro e humilde, um jovem padre recém-ordenado que se chamava Cícero Romão Batista, de gestos mansos e voz pausada, pregando a palavra de Deus por aquêles mundos ásperos. Naquele tempo, Juazeiro era um arraial miserável, de oito a dez casas de taipa, tendo ao centro, esburacada e feia, uma capela modesta. A princípio ninguém deu pela presença daquele pa-

dre moço, de estatura mediana, que não tinha horas para repousar, montado numa burra a percorrer a paróquia imensa, não deixando moribundo sem prece e pagão sem batismo, casando os amancebados, pregando contra o furto, a mentira e o adultério. Esbanjava energia, dormindo aqui e amanhecendo acolá, de batina surrada e o fogo da mocidade brilhando na face morena. Homem simples e caridoso, o padre se transformou no chefe daquela gente. Arregimentou a matutada para a construção de uma igreja maior. E todo mundo carregou pedras e madeira para o *adjutório* de “seu” vigário. Então se deu o fato assombroso. Começaram a surgir as histórias que aureolavam o padre de um halo de santidade e lhe emprestavam um fascínio de taumaturgo. Comentavam-se os *causos*, as curas miraculosas, os sonhos proféticos do “Padim” Padre Cícero, a expulsão do *capa-verde* do corpo dos *renegados*, todo um rosário de credices, de histórias místicas, de fatos sobrenaturais, de superstições que alimentavam na alma rude daquela gente a vocação do fanatismo à procura de um *santo*, para o messianismo que rolava nas veias jagunças. Era o sebastianismo caboclo encontrando o seu Alcacer-Kibir de barro e de taipa, emergindo dos mundos da caatinga. Enquanto isso, um aluvião de estampas, medalhas e *breves* inundava os sertões, levando a tôda parte a efígie serena do padre. Aconteceu então o milagre — o único, o real, o indiscutível. De simples arruado, Juazeiro se transformou rapidamente em cidade, nascida à fôrça do fanatismo e da credice. As dez casas de taipa se multiplicaram, da noite para o dia. Ruas tortuosas, subindo e descendo as ladeiras, cemitérios, praças, ranchos, igrejas, tudo brotando do chão áspero, entre ladainhas e disparo de bacamarte, o lugarejo acolhendo como um desaguadouro de destinos humanos, os tipos mais diversos — bandidos, beatos, misangueiros, aleijados, cegos, ladrões, trocadores de cavalos, vendilhões de rosários, irmanados pela fôr-

ça do fanatismo. Para receber a bênção do "Padim" corriam ao Juazeiro milhares de sertanejos, vindos do Amazonas à Bahia, e êle, de batina surrada e cajado à mão, curvado e envelhecido, era a maior fôrça espiritual dos sertões. Depois vieram os fatos que abalaram a história da "cidade santa"; a beata Maria de Araujo, o decreto do Papa ordenando que o Padre se retirasse do Juazeiro, sob pena de excomunhão, a luta política de Franco Rabelo, os rompantes de Floro Bartolomeu, Lampeão nomeado *capitão* e enlaçando no seu mosquetão o rosário da *Virgem-Mãe*.

Quando o Padre morreu, milhares de afilhados choravam em tórno daquele corpo mirrado que a morte vergou quase aos cem anos de idade, sem contudo lhe abalar o prestígio na alma da sua gente.

Combatido por uns, amado por outros, ainda hoje em redor da sua sepultura humilde, os *afilhados* se reúnem para evocar o taumaturgo. Uma coisa ninguém pode negar. Padre Cícero com a legião de seus romeiros, foi o fundador daquela cidade — a única no Brasil que nasceu da credice e do fanatismo do povo.

Se o sentimento de fé da matutada não removeu montanhas, todavia, ao som das ladaínhas e dos benditos e ao estrondo dos trabucos, levantou na planície do Araripe a cidade onde o povo do Nordeste ia rezar, como em uma Jerusalém mestiça.

E êsse, foi, em verdade, o grande milagre que aconteceu no Juazeiro do Padre Cícero.

O CANTADOR INACIO DA CATINGUEIRA

O PIANCÓ é a mais famosa ribeira dos sertões paraibanos, cheia das lendas e das histórias dos seus vaqueiros, dos bandoleiros de bacamarte *bôca de sino*, dos cantadores de viola, guardando no seu folclore fascinante a fidelidade a sua paisagem humana, tão rica de sugestões valiosas ao estudo dos costumes e da tradição daqueles mundos ensolarados da caatinga. Por ali campearam os cangaceiros do rio do Peixe, cujo sangue cariri lhes encandescia a alma rude e selvagem nas bravatas sangrentas, entre o brilho dos punhais e o estrondo dos bacamartes. No razo das caatingas, envergando o gibão de couro, os seus vaqueiros se revelavam os mais afoitos e destemidos dos sertões e muitas léguas em redor se gabava a perícia dos campeadores do Piancó que não tinham medo dos barbatões nem dos alastrados e xique-xique. O Piancó era sinônimo de valentia rude, de coragem sem alarde, constantemente posta à prova no meio daquela paisagem eriçada de mandacarus e de corôa-de-frade.

Pois foi ali que nasceu um negro assombroso que cem anos depois de morto, ainda vive na lembrança e na tradição daquela gente, tão vivo, como se ainda estivesse fazendo versos à serra airosa que o viu nascer:

*Tenho pena de dexá
a serra da Catingueira
a fazenda Bela Vista
a maior desta ribeira
o riacho do Poção
as quebradas do Teixeira.*

Porque só um milagre explicaria o caso do negro Inácio, o maior poeta popular do Nordeste, nascido na vila da Catingueira, em pleno coração do Piancó. Ninguém pode falar naquele rincão sem evocar o seu nome, o seu astro genial, as suas estrofes de fogo. Um dia o bronze de um busto perpetuará a sua carapinha gloriosa. O nome de Inácio da Catingueira — negro, analfabeto e escravo — apagou a lembrança dos homens brancos da sua terra, do próprio senhor que o possuiu na senzala e nos serviços do eito.

Repentista famoso, êle era o terror dos cantadores da redondeza que vinham de longe, violas a tiracolo, para as *pelejas* que abalavam o sertão. Inácio os vencia, a todos fulminava nos desafios que às vêzes durava dias e noites, como no célebre “encontro” com Francisco Romano da Mãe Dágua. Então o povo sagrava o poeta negro, cuja inteligência faiscava como o sol daquele sertão bravio. Reza a tradição que êle nasceu em 1845, tendo falecido aos trinta e dois anos, vítima de uma pneumonia adquirida queimando a *broca* de um roçado. Certa vez fui ao Piancó e lá visitei o Padre Manuel Otaviano, apaixonado estudioso do folclore daquela gente. Entre outras coisas sôbre Inácio, disse-me o Vigário Otaviano que no inventário do Fazendeiro Manuel Luiz, senhor do poeta, êste foi avaliado em 1.200\$000, na moeda de então. O poeta jamais frequentara a escola. As suas mãos humildes jamais alisaram a carta do ABC porque desde cedo, conheceram o “frei-jorge” do cabo da enxada. Se não estudou, no entanto, o talento que Deus lhe deu, supriu a ausência dos ensinamentos

da escola. A tradição guardou parte da sua produção poética, da qual infelizmente grande parte se perdeu. O que ficou porém daquela inteligência inculta mas humilde ainda assombra pela espontaneidade da imaginação poderosa.

Um dia, em Patos, encontraram-se para um desafio o cantador Francisco Romano da Mãe D'água, cheio de gabolice deante do negro Inácio da Catingueira. A tradição popular guardou algumas sextilhas da peleja famosa:

INÁCIO — Senhores que aqui estão
Me tirem do engano;
Me apontem com o dedo
Quem é Francisco Romano,
Pois eu ando no seu piso
Já não sei há quantos anos.

ROMANO — Senhor me diga o seu nome
Que eu quero ser sabedor,
Se é solteiro ou casado,
Aonde é morador,
Se acaso fôr cativo,
Diga quem é seu senhor.

INÁCIO — Eu sou muito conhecido,
Aqui nesta ribeira,
Êste é o seu criado
Inácio da Catingueira,
Dentro da vila de Patos,
Compro, vendo e faço feira.

ROMANO — Negro que andas fazendo
Dentro desta freguesia,
Cadê o teu passaporte,
A tua carta de guia,
Si vens fugindo eu amarro,
Negro comigo não chia.

INÁCIO — Seu Romano eu sou cativo,
Trabalho prá meu sinhô,
Êle sabe quando eu saio
E sabe prá onde eu vou,
Quando me vê num pagode,
Foi êle quem me mandou.

ROMANO — Estou ouvindo a tua lôa,
Mas não posso acreditar,
Que eu também tenho negro
Mas não mando vadiar,
Quando eu saio a divertir,
Negro sai prá trabalhar.

INÁCIO — Seu Romano eu sou cativo,
Trabalho para o comum,
Dar descanso a seus escravos
É gôsto de cada um,
Meu senhô tem muito negro
E seu Romano só tem um.

ROMANO — Inácio tu bem que sabes
Que estando mais Verisso
É mesmo que dois machados,
Cortando em pau mussisso
Êle é trovão de estalo
E eu sou relampo interisso.

INÁCIO — Seu Romano mais Verisso
Sei que são dois reis coroados,
Apois volte e traga êle,
Venha bem apadrinhado,
Prá vê si Inácio não dá
Em padrim com afilhado.

ROMANO — Inácio da Catingueira
Se mete a cantar repente,
Negro me trate melhor,
Que estamos em meio de gente,

CAMINHOS DO PAJEÚ

Queira Deus você não saia
Da sala com o couro quente.

INÁCIO — Meu branco dou-lhe um conselho,
Espero o senhô tomar,
Se tire dêsse sentido,
Se arrede dêsse pensar,
Juro com todos dez dêdo
Que um homem só não me dá

ROMANO — Tenho dado em muito touro
Que quando urra estremece,
Tenho dado em onça-tigre
Até qu'ela me obedece,
Já dei em muito leão
E nunca achei quem me dêsse

INÁCIO — Senhô dono da casa,
Meu branco faça favô,
Queira ceder-me licença
Que eu quero mostrar quem sou,
Deixe-me ensinar um branco
Que diz que nunca apanhou.

ROMANO — Coitadim de Catingueira
Aonde vai se socar,
Dentro de uma mata escura
Onde não pode enxergar,
Êle vei por inocente,
Não volta sem apanhar.

INÁCIO — Coitadim de seu Romano,
Aonde êle vai caí,
Nas unhas de um gavião,
Sendo êle um bentiví,
Está se vendo apertado
Como peixe no jiquí.

ROMANO — Romano quando se zanga,

Treme o norte, abala o sul,
Solta bomba envenenada,
Corisco de fogo azul,
Desmancha negro nos ares
Que cai desfeito em paul.

INÁCIO — Pois Inácio, quando canta,
Cai estrêla, a terra treme,
O sol esbarra seu curso,
O mar se balança e geme,
Cerca-se o mundo de fogo
E nada disso o negro teme.

ROMANO — Quando pego um cantador,
Adoece de repente,
Dá-lhe um dôr de cabeça
E uma coceira ardente
E um vexame tão grande
Que não há diabo que aguento.

INÁCIO — Meu martelo tem azougue,
Cantador dêle não sai,
Dá-lhe frio com tontura,
Seca a carne, a língua cai,
Fica o corpo sem govêrno
E a alma vai-e-não-vai.

ROMANO — Inácio, tu me conheces
Já bem sabes eu quem sou;
Mas quero te prevenir
Que na Catingueira eu vou
Derubar o teu castelo
Que nunca se derrubou.

INÁCIO — É mais fácil um boi voá
Um cururú ficar belo,
Aruá jogar cacete
E cobra calçar chinelo,
Do que haver valentão
Que derrube o meu castelo.

ROMANO — Tu ainda não correste,
Ignorando a questão;
Talvez nunca tenhas visto
Eu chegar touro ao mourão,
Espantar onça na furna,
Apareiar um leão.

INÁCIO — Si é por contar façanha,
Eu já peguei jacaré,
Arranquei as pernas tôdas
E sacudi na maré,
Peguei baleia de anzol
E tubarão de gereré.

ROMANO — Pouco me importa isso...
Eu vou sempre à Catingueira
Sento um marco em qualquer parte,
Não me fica costaneira,
Os de lá ficam dizendo:
La se foi nossa ribeira!...

INÁCIO — Quando fôr procure um padre
Que o ouça em confissão,
Deixe a cova já cavada
E trata a encomendação
Leve a rêde onde é de vir
E já prontinho o caixão.

ROMANO — Inácio, eu sei que és duro,
Mas é lá na Catingueira.
Na Mãe d'Água, onde moro,
Não descambas a ladeira.
Mais fácil o diabo ir ao céu
Do que ires ao Teixeira.

INÁCIO — Repare para o nascente,
Veja si o dia amanhece
Com o sol bem encarnado,
É êle que se oferece,

E no claro de seus raio
Veja que o negro aparece.

ROMANO — Inácio, meu pêso é grande,
Com êle ninguém se ajuda,
Porisso dou-lhe um conselho,
Veja, você não se iluda,
Si cair nas minhas unhas,
Não vejo quem o acuda.

INÁCIO — Foi hoje que pude crê
O diabo como é tirano,
Como ilude as criaturas
E sabe fazê engano:
Tanto fez, tanto mexeu
Que laçou sempre Romano.

ROMANO — Negro eu só canto contigo
Por um amigo pedir.
Visto me sacrificar,
Não me importa de ferir.
Caço onde achar mais mole
E bato enquanto bulir.

INÁCIO — Seu Romano, lhe aconselho,
Não cometa tal perigo,
Peça a Deus que lhe defenda
Do laço do inimigo,
Antes morrer inforcado
Do que pelejar comigo.

ROMANO — Negro, canta com mais jeito,
Vê a tua qualidade,
Eu sou branco, tu um vulto
Perante a sociedade.
Eu me vir cantar contigo,
Baixo de dignidade.

INÁCIO — Esta sua frase agora,

CAMINHOS DO PAJEÚ

Me deixou admirado...
Para o senhô ser branco,
Seu couro é muito queimado,
Sua cor imita a minha,
Seu cabelo é agastado.

ROMANO — Com negro não canto mais
Perante a sociedade,
Estou dando cabimento
a êle está com liberdade.
Porisso vou me calar,
Mesmo por minha vontade.

INÁCIO — O senhô me chama negro,
Pensando que me acabrunha,
O senhô de home branco
Só tem os dente e as unha,
Sua pele é muito queimada
E seu cabelo é testemunha.

ROMANO — Inácio, eu estou ciente
Que tu és um negro ativo;
Mas não estou satisfeito,
Devo te ser positivo:
Me abate hoje em cantar
Com um negro que é cativo.

INÁCIO — Na verdade, seu Romano,
Eu sou negro confiado!
Eu negro e o senhô branco
Da cor de café torrado!
Seu avô vei ao Brasil
Para ser negociado.

ROMANO — Inácio eu vou te pedir,
Vamos deixar o passado,
Esquecer quem foi cativo,
Que nos dá mais resultado,
Acabar a discussão
Esquecer todo o atrasado.

INÁCIO — Isso, aí, é outra coisa.
Eu não luto é sem motivo,
O senhô também esqueça
O povo que foi cativo,
Quem tem defunto ladrão
Não fala em roubo de vivo.

ROMANO — Inácio, eu te garanto
E previne a teu senhô
Que, mais cedo ou mais tarde,
À Catingueira eu vou,
Tomar-te todos os bêcos
Sem te deixar corredor.

INÁCIO — Meu branco, dou-lhe um conselho
Prá vê si o senhô atende,
Si fôr prá nós divertir,
Pode ir que não ofende;
Mas prá tomar Catingueira
Não vá, não, que se arrepende.

ROMANO — Si és duro, amoleces,
Nem que peças com amor,
Vou tomar a Catingueira,
Entupir teu bebedor,
Deixo-te morrendo à sêde
Seja de que jeito fôr.

INÁCIO — Meu branco torno a pedir:
Tal perigo não cometa,
O bebedor de Inácio
Está feito em pedra preta,
Nem avião de aço fura
Nem lavanca nem marrêta.

ROMANO — A desgraça do homem rico
É dar importância a pobre,
Sendo eu a prata fina
Vim me misturar com cobre,

CAMINHOS DO PAJEÚ

Grande castigo merece
Quem se abate sendo nobre.

INÁCIO — Esta, agora, é engraçada,
Eu digo com tôda fé:
De prata se faz arreio,
Faca, garfo e cuié,
De prata se faz espora
Prá negro botá o pé.

ROMANO — Já faço tu te calar,
Não quero articulação,
Vamos à geografia,
Que chama o povo à atenção.
Vê si sabes ou si podes
Me dar uma explicação.

INÁCIO — Seu Romano, eu me lembro
Que meu senhô me dizia
Que o mundo tem cinco partes,
É Ásia e Oceania,
Europa, América e África,
Assim diz a geografia.

ROMANO — Então deves conhecer
Cabos, estreitos do mar,
Os golfos, as raças tôdas,
Onde poderam habitar,
Afina a tua memória
Que quero te perguntar.

INÁCIO — Não respondo sua pergunta,
Não conheço academia,
Vivo só do meu roçado,
Nunca vi uma livraria.
Vá perguntar a um doutô
Que é quem sabe geografia.

ROMANO — Inácio, vamos parar,

Estou com dor de cabeça
Preciso de algum repouso
Antes que o dia amanheça.
Estou com cara de sono
Sem ter mais quem me conheça.

INÁCIO — Sua doença, seu Romano,
Está muito conhecida.
Melhor rasgar o tumor
Antes que vire ferida
O rei por perder o trono
Não deve perder a vida.

Era assim o poeta formidável, diferente dos demais cantadores da época, pela côr e condição humilhante de escravo — que serviam de motivo aos doestos ferinos dos adversários — e pela maneira original de se bater nos desafios: ao invés de empunhar a viola, Inácio cantava ruflando um pandeiro enfeitado de fitas, recostado à parede ou com um pé sôbre um banco. E com o seu pobre instrumento — negro, escravo e analfabeto — Inácio ascendeu à culminância da fama, subiu mais alto do que a serra do Teixeira. O povo desprezou o nome do branco que foi senhor do poeta-escravo. Inácio é quem está vivo e perene no coração e na alma da sua gente. Ainda hoje o Piancó repete os seus “repentes” famosos, os versos candentes saídos da sua imaginação fecunda, da sua sensibilidade de homem inculto, humilde de condição e de sangue que, de pandeiro à mão, immortalizou a vilazinha onde nasceu, plantada na ribeira trepidante e lendária do Piancó.

UM VIGARIO DO PAJEÚ

AFOGADOS DA INGAZEIRA é uma tranquila cidade da “ribeira” do PAJEÚ.

O rio lendário a envolve numa curva amorosa, e ao longe, num círculo de léguas, levantam-se as serras que rodeiam a planície onde está o casario alegre. Aquela é a serra dos Pereiros, a do Jardim, da Martinha, da Colônia, das Quintas, do Pelo-Sinal, de São João, de Solidão. E mais além, esbatida na distância azulada se alteia a lombada majestosa da Borema.

Nenhum recanto pode se orgulhar de possuir pôr-de-sol mais belo que êsse pedaço de sertão. À tarde o sol se afoga nas nuvens sangrentas do ocaso. E tôda a cidade parece tocada de estranha beleza daquela hora de luz esmaecida e suave.

Faixas de ouro velho correm paralelas por sôbre o perfil das serranias que se erguem no horizonte, na meia luz da tarde agonizante.

E nuvens tarjadas de roxo e de vermelho fazem do ocaso um quadro de impressionante beleza.

Aos poucos a escuridão vai apagando a fogueira do poente. E quando as trevas já dominam o céu fulvo, pedaços de nuvens afogueados e faixas imensas de luz ainda se debatem contra a noite que se aproxima. Então, envolta na claridade mortiça, se

destaca no meio da larga Praça a imponente Matriz da cidade, construída quarenta anos atrás, por um sacerdote ali chegado em 1910.

Foi o padre Carlos Cottart, francês de origem mas profundamente radicado naquele sertão onde veio a falecer, quinze anos depois de intenso apostolado e grandes serviços prestados à Paróquia.

O seu corpo está sepultado ao lado direito da Matriz que êle construiu, no belo túmulo de granito que o povo ergueu em sua memória.

Outrora, antes da colonização, aquêlas paragens foram habitadas por índios cariris, senhores da região.

E quando o padre Cottart chegou quis saber de tudo: a história dos índios, quem fundou a cidade, os povoados, as vilas. E começou a conversar com os antigos habitantes e moradores das redondezas, a estudar os velhos papéis do arquivo paroquial, a anotar, a pesquisar reunindo dados sôbre a história e a geografia daqueles mundos brabos, da terra adusta para a qual viera em troca da pátria francesa, onde deixara a família, o clima nativo, para ser vigário nos sertões do Brasil. Aquêlê padre, bem nascido e bem criado, que cursara na mocidade brilhante uma escola superior de engenharia, viera da Europa para terminar os seus dias no meio da gente simplória dos sertões, onde êle não se limitaria a exercer tão sômente o seu apostolado cristão. Nem apenas a dizer missa, casar e batizar a matutada. Nem a pregar sermão para o povo daquelas brenhas que temia o fogo do inferno e o bafo de Satanaz, embora não deixasse de mão o bacamarte e o punhal afiado. Padre Cottart não se limitou a ser apenas o vigário metido na sacristia, resando nos altares, andando léguas e mais léguas montado a cavalo, nas desobrigas estafantes pelos sítios e fazendas, por todos os recantos da sua imensa paróquia, cumprindo à risca os seus deveres de pastor. Não. Aquêlê francês chegou com fome e sêde do sertão. Com os olhos esbu-

ganhados para o trópico, a curiosidade aflorante à pele por tudo que dissesse respeito à história, aos costumes, à geografia da terra ensolarada. Devia ter lido muito sôbre o Brasil, por certo que estudara a vida dos evangelizadores, um Anchieta, um Nóbrega, talvez o malogrado educador caboclo padre Ibiapina.

E quis se meter de rijo no meio do povo inculto, conhecer os seus costumes e usos, que por certo não lhe arrepiaram a formação à Paris, onde, antes da batina, tirara o curso de engenharia. Por isso pisou o chão duro do sertão com a alma ansiosa para penetrar os desvãos espirituais da gente que lhe admirava o sotaque esquisito e andar pelas veredas, subir as serras, pisar a areia do leito sêco dos riachos humildes, vencer o lombo das montanhas nuas, penetrar as furnas e os grotões, olhar de perto as rochas que faiscavam no alto dos montes e, por cima, auscultar a alma daquela gente mestiça profundamente marcada por complexos telúricos que lhe rolavam no sangue esquentadiço.

Bem que valeu ao padre Cottart o alpinismo que praticara na mocidade, nas montanhas geladas da França. Por que, ágil e seguro, êle escalou quase tôdas as serras importantes da paróquia — a de São João, a da Carapuça, a da Matinha, a do Pelo-Sinal, a serra de Santa Isabel, a da Canastra, a dos Pereiros. E não deixou nem monte, nem escarpa, nem rocha abrupta por conhecer. Certa vez, numa das suas excursões, encontrara no alto de uma serra, pedaços de vazo de barro dos índios. Reuniu-os amorosamente, e, pacientemente juntou com as mãos ávidas aquêles restos de cerâmica cariri. Depois, anotou, comparou, descreveu. De outra feita deu com ossos humanos numa furna. Era por certo um cemitério de índios, em lugar quase inacessível. O bom do padre Cottart exultou. Correu aos compêndios e passou noites e dias agarrado com a história dos tapuias. Gostava dos passeios, das excursões, dos estudos re-

alizados em contacto directo com a Natureza. E nas suas andanças, sertão afora, jamais estranhou o sol escaldante que lhe queimava a pele sensível de europeu. Colheu os depoimentos de pessoas antigas e, sacudindo o pó dos velhos papéis reconstituiu a origem dos povoados, das vilas, das fazendas da região. Ficou senhor da história das capelas, dos antigos vigários, das velhas famílias que povoaram a paróquia. E não deixou pedra com inscrição nem serrote de formação esquisita que não visitasse para observar e estudar. Também a alma do povo não tinha mistério nem segrêdo para o padre Cottart que a conquistou, de mãos macias e olhos azuis, brilhando por traz dos óculos de aro dourado. Conhecia as virtudes e os defeitos daquela gente com a sagacidade e a estúcia de "caboclo da aldeia". Ainda hoje causa espanto a capacidade de trabalho dêsse padre estrangeiro, perdido nos confins do sertão. Além do encargo da paróquia imensa que se estendia por muitas léguas, onde êle exercera realmente um intenso apostolado ainda sobrava tempo ao padre Cottart para se dedicar aos serviços da construção do Colégio de Triunfo e da majestosa Catedral de Petrolina, na beira do São Francisco, além dos serviços também de construção a que se dedicava nos distritos e nas cidades vizinhas. E no meio de tôda essa trabalheira, sem dispor de meios rápidos de transporte e estradas, a não ser as exaustivas viagens a cavalo por péssimos caminhos o padre ainda teve tempo de operar verdadeira revolução no meio daquela gente, incentivando a instrução religiosa, combatendo a ignorância e formando com zêlo e carinho as novas gerações. A saúde é que se gastava, os nervos se destemperando, a resistência orgânica a declinar paulatinamente. Mesmo assim padre Cottart não temia a chuva, nem a poeira da estrada, nem o sol de fogo. Até que em uma das suas viagens a cavalo, a caminho de Petrolina encharcou-se sob um aguaceiro. Sentiu os primeiros sintomas da enfermidade que o

levaria ao túmulo. Quís prosseguir e não pôde. Voltou. Recolheu-se a uma casa modesta. Era o fim. Monsenhor Urbano de Carvalho, vigário de Sertânia, veio lhe administrar os últimos sacramentos. Agoniava no leito pobre, cercado dos fiéis, de cujos olhos as lágrimas corriam. E tranquilamente, no meio dos seus paroquianos, quando raiou a madrugada, o vigário morreu. Lá fora amanhecia o dia vinte e três de dezembro de 1923. Nem rezou a sua Missa do Galo. Três dias antes de morrer pediu que o levassem a ver a sua Matriz, pela última vez. Levaram-no devagarinho e êle percorreu amparado nos braços dos fiéis a Igreja que era a menina dos seus olhos e onde hoje dorme para sempre. Por certo evocou os dias passados, a canseira da construção, pedindo a uns e a outros, vencendo os obstáculos e as dificuldades, superando com tenacidade e perseverança a pobreza do meio ambiente. Até que um dia o sino cantou no alto da tôrre e êle rezou a Missa no altar da nova Matriz.

Diariamente diante do seu túmulo desfilam homens e mulheres, muitos dos quais êle guiou pelos caminhos da Fé.

O Padre Carlos Adriano Maximino Cottart não foi apenas um grande vigário do sertão. Foi também um enamorado das serras, do sol faiscante, dos riachos anônimos, das quixabeiras, da beleza selvagem, da terra adusta e formosa do PAJEÚ.

LAMPEÃO: AMOR E CANGAÇO

TODO mundo conhece a história salpicada de sangue de LAMPEÃO, o homem que conquistou triste notoriedade como *rei do cangaço*, espalhando o terror e a morte pelos sertões nordestinos.

Foi uma vida malsinada a dêsse filho do Pajeú, contra quem o destino lavrou a mais negra sentença.

Perseguido pelas fôrças policiais de quase uma dezena de Estados, *Lampião* teve que lutar pela sobrevivência durante quase vinte anos, até que na gruta dos Angicos, em Alagoas, foi morto na companhia do seu grupo e de *Maria Bonita*, sua amante fiel.

Depois de mortos, tiveram as cabeças decepadas para as observações científicas. No entanto pouca gente conhece as causas e os motivos que transformaram o antigo matuto e almocreve da Serra Talhada no mais temível e famoso cangaceiro do Brasil. Que era um criminoso nato, um tarado, isso não se pode afirmar, pois de há muito foi abolida a velharia do homem lombrosiano. Resta, pois, aos olhos dos estudiosos a figura do rapazola, *Virgolino Ferreira da Silva*, de "buranhem" à mão, tangendo a tropa de burros pelos caminhos das vilas e das cidadezinhas do Pajeú e do Riacho do Navio na mascateação ambulante, antes da aventura sangrenta do cangaço. O moço sertanejo afeito à luta dos campos, conhecedor

da arte de vaquejar, sóbrio e trabalhador, que vendia *bugigangas* por aquêles mundos, trocou um dia, a vida de trabalho honesto pela existência atormentada dos *fora-da-lei*. Por que? Quem lhe armou o braço afeito ao trabalho na mão mais temível dos sertões, premindo o gatilho de um mosquetão que de tanto atirar mais parecia um *lampião*? Que fôrça estranha e poderosa transformou assim o curso de uma vida e torceu poderosamente o caminho de um destino humano? Ainda criança, ouvi nos sertões, as histórias que situavam *Lampião* como um injustiçado, naqueles mundos onde a Lei e a Civilização ainda não haviam chegado. Contavam por exemplo que assassinaram o velho José Ferreira, pai de *Lampião*, em Mata Grande. E, que o filho procuraria o juiz e a polícia, pedindo a punição do culpado.

O crime porém ficara impune. Então, Virgolino pendurou o *buranhém* com que tangia a burrama, e, em companhia dos parentes "deu de garra" a um mosquetão, para vingar a morte do pai e fazer a justiça que lhe negaram. Não sei até onde vai a verdade e começa a fantasia, daquelas histórias que os meus ouvidos meninos escutaram na infância passada na vila da Custódia.

O certo é que Virgolino levado depois a notoriedade mais triste, bem merecia um estudo que mergulhasse nas causas e origens da sua existência trágica e atribulada, da sua imensa tragédia e do seu destino truncado. Só assim, seria conhecido o "caso" *Lampião*.

E se outra coisa não resultasse, pelo menos, seria compreendido e talvez perdoado na sua imensa desgraça, o almocreve Virgolino Ferreira da Silva que depois se chamou simplesmente: — *Lampião*.

Quem penetrar o sertão procurando conhecer a verdadeira história do bandoleiro, começará no pátio de uma fazendola humilde, no município de Serra Talhada, em Pernambuco. Ali começou a vida de *Lampião*.



Esse é Virgulino Ferreira da Silva — o almocreve que depois foi simplesmente — Lampeão.

— Virgolino?

— Senhor, meu pai.

— Apanhe o chiqueirador e vá tanger aquêles bodes que estão na várzea, comendo a roça.

O rapazola estava sentado nos degraus do alpendre limpando uma velha espingarda. Levantou-se passou a mão nos fundilhos, apanhou o chicote de couro cru que estava dependurado no armador de rede, fincado na parede da sala, atravessou o terreiro e rápido, galgou a cêrca do roçado onde os animais devastavam o milho e o feijão. O rapaz jogou umas pedras, afugentando os bichos: Gritou:

— Sai peste... xô diacho... xô...

Os animais correram, saíram pelo rombo que haviam feito na cêrca. Então o rapazola voltou a casa e apanhou uma foice. O velho perguntou:

— P'ra que a foice?

— É para fechar o buraco que os bichos fizeram na cêrca.

Saiu. Fêz o reparo, veio sentar-se nos degraus, continuou a limpar a espingarda. Então a velha falou:

— Virgolino?

O rapaz respondeu brusco:

— Qui'era, minha mãe?

— Vá a rua, passe na bodega de "seu" Calixto e traga 1 garrafa de querosene, duas rapaduras e um carritel de linha *corrente*. Traga também meio quilo de sal fino.

— Levantou-se. Fêz um jeito de amuo, olhando a espingarda que êle não terminava de limpar. Levou a arma para o canto do quarto, trouxe a sela. Foi ao cercado, veio montado no pelo do cavalinho castanho. Pôs-lhe os arreios e desapareceu numa nuvem de poeira. Os velhos falaram quase ao mesmo tempo:

— Virgolino está meio *estrompa*. Que terá sido?

Um irmão mais novo disse:

— O filho de "seu" Saturnino, ontem, de tarde no

bebedouro, disse que ia dar em Virgolino por causa de uma criação que apareceu morta. Ele dizia que foi Virgolino que matou o cabrito e tirou o chocalho. Agora, Virgolino quer dar uns tabefes no filho de "seu" Saturnino.

A noite, depois do jantar — xerém com leite, carne assada e farinha, — novamente falaram no caso. Virgolino explicou o acontecido e não escondeu a raiva que estava sentindo do filho de Saturnino que o ameaçara:

— Se êle der em mim, eu meto a desgraça nele.

A velha reprovou a ameaça:

— Meu filho, não se diz isso na hora da comida. Pode haver castigo. E a conversa mudou. Isso aconteceu certa tarde, na fazenda Ingazeira, às margens do riacho São Domingos, município de Serra Talhada. Os velhos eram José Ferreira da Silva e D. Maria José Lopes. E o rapazola era *Virgolino Ferreira da Silva*, que depois se chamaria simplesmente: *Lampião*.

*

* * *

O sol era de rachar. O vozeiro enchia a rua de Vila Bela, na manhã poeirenta, a feira em pleno movimento. Caçuás, sacos de farinha, de milho, de feijão, panelas de barro, "toldas" vendendo carne de sol, "bancos" de miudezas, um barulho tremendo.

Vozes, pregões, cantigas de cegos, pedindo esmolas. Havia diálogos ingênuos, no meio daquela gente simplória:

— O "seu" vigário disse que a *besta-fera* vem por aí.

— Pois é, *besta-fera* é coisa do fim-do-mundo.

— Tá dando certinho com a profecia do meu Padrim Padre Cícero.

— O cabo comissário prendeu Mané Preto, que estava "bebo" que só uma ticaca, criando *ingrizia* e fazendo *barburim* no açougue.

— Aquêlê negro não se “corrêge”.

— Tem uma coisa. Só prenderam êle porque estava “bebo”. Tando bom, o nêgo é *macho* pra topar e na briga “vai até onde o vento encosta o cisco”.

Nisto chegou um rapazola almocreve. Trouxe a burra carregada com dois malotes cheios de bugiganças: — alpercatas, arreios de couro, chibatas, coldres, chapéus-de-couro, chocalhos, bainhas, um mundo de coisas.

— Bom dia, pessoal.

— Bom dia, Virgolino.

— A feira tá fraca?

— Tá sofrive. Mas “de hora em hora, Deus melhora”.

— Dinheiro tá curto que nem manga de colete. Mas, cego, menino e pedinte, dá no meio da canela.

Arriou a carga, abriu as malas, expôs as bugiganças. Aquela era a vida que Virgolino levava: mascatear pelas vilas, vender arreios de couro nas feiras das cidadezinhas matutas, Vila-Bela, Custódia, Triunfo, Nazaré, Salgueiro. E todo mundo conhecia o almocreve Virgolino Ferreira da Silva, que não perdia feira com os malotes da sua mascateação ambulante.

*
* * *

Até que um dia o curso da vida mudou. Dez téguas em redor comentava-se o fato.

“Os filhos do velho Ferreira meteram o pau na rapaziada do velho Saturnino. A coisa vinha de longe por causa de uns chocalhos de bode”.

Era mais uma encrenca de família, tão comum no sertão, acostumado a êsses barulhos “por dá cá aquela palha” . . .

Desapareceram uns chocalhos de bode, dos Saturninos. Êstes disseram que foram os Ferreriras os autores do furto. E acabou-se o tempo. O pau come-

çou. — Queira Deus, isso não termine em sangue, disseram. Porque Virgolino e os irmãos estão prontos para a briga. E os Saturninos, também.

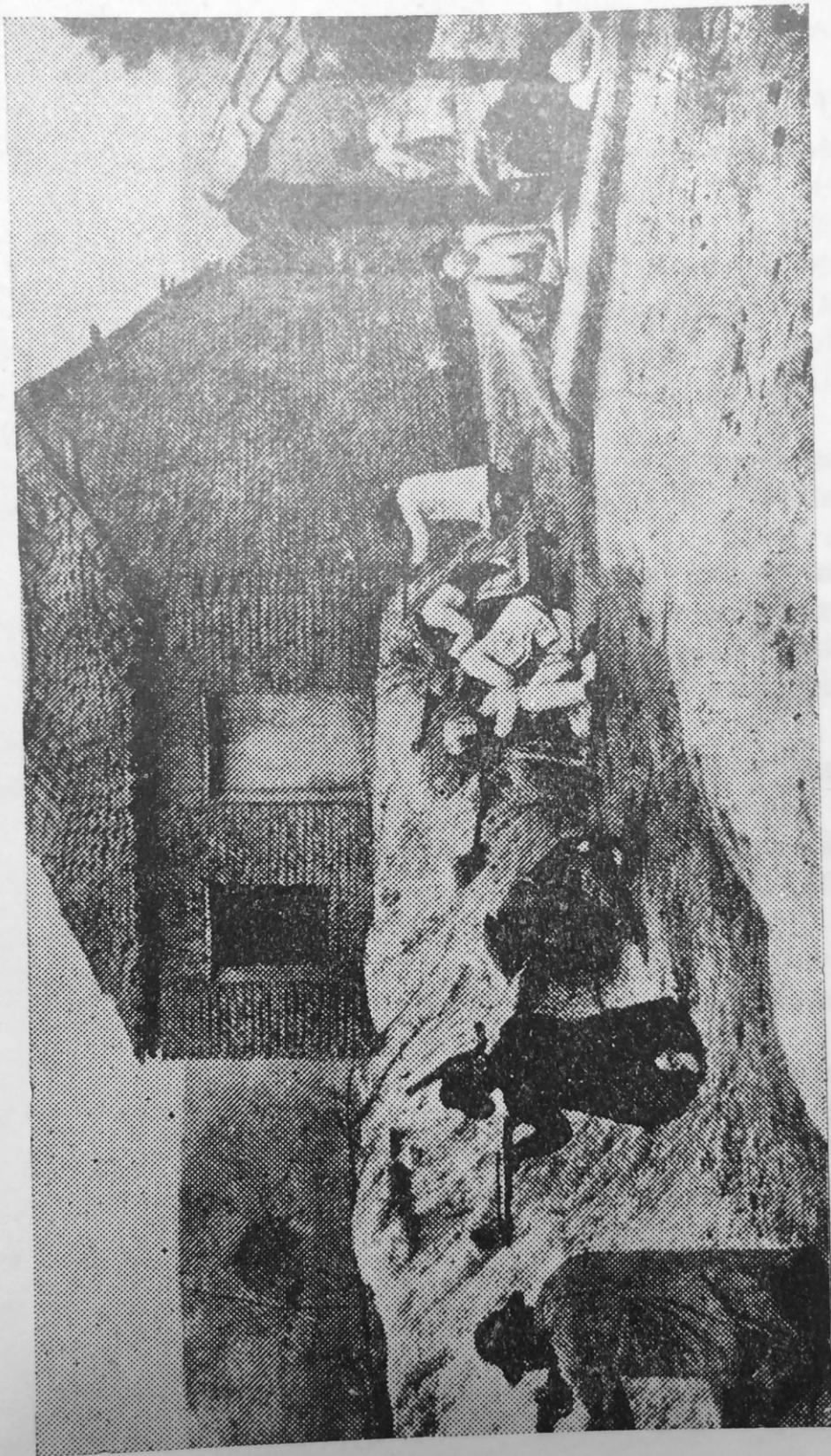
Foi quando a polícia entrou em cena. O incidente tomou outro rumo. Depois foi ferido um parente dos Ferreiras. O velho Domingos resolveu se retirar para Alagoas. Em Mata Grande foi assassinado. Atearam fogo ao estúpido. E começou a história sangrenta do cangaceiro *Lampião*.

*
* * *

E por anos a fio os tiroteios abalaram os sertões do Nordeste. Em vários Estados *Lampião* se constituiu o terror. Assaltava. Matava. Depredava. Ao encalço do grupo sinistro vinha a polícia para a luta na caatinga, nos serrotes e nos chapadões do sertão. E as cruces começaram a surgir assinalando os encontros terríveis, as emboscadas fulminantes, os tiroteios onde crepitava a fuzilaria sêca, espoucavam os estrondos dos mosquetões e os estampidos fôfos dos rifles cruzeta e papo-amarelo. Brigavam se arrastando pelo chão, por traz das pedras e das árvores, ao calor da estratégia selvagem, nascida daqueles temperamentos jagunços. Lutavam chamando nomes feios, palavrões de arrepiar. Cada tiro correspondia a um insulto, cada estampido, uma palavra suja que cortava como bala de *parabelum*. Às vêzes, no meio da pólvora, ao fragor dos combates, cantavam versos da *Muié Rendêra*, diziam troças, proferiam ameaças e obscenidades. Brigavam por prazer e por gôsto, nasceram “pra subir na fumaça” como diziam, aceitando os riscos da vida sangrenta com a passividade atávica do fatalismo cariri.

*
* * *

O sol escaldante ateou o incêndio da caatinga. Naquele inferno pardacento, só os juazeiros resistem,



Cena de combate de cangaceiros. Explosão da alma jagunça na fúria dos tiroteios.

eternos e heróicos. Às vêzes o vento se levanta, rodopia no meio da paisagem combusta e sobe, como uma flecha de poeira, levando para o alto as fôlhas crestadas das baraúnas.

As cacimbas secaram no leito dos riachos. E nas ribanceiras, alvejam as ossadas das reses mortas.

Ao longe, a distância azula as serras. De repente, as alpercatas rangem, quebrando o silêncio que envolve o marasmo. Pisam o chão duro, estremecem os caminhos desertos, na marcha do cangaço. Os seixos pisados estalam na sola bruta. Batido de sol, varando o sertão tostado, avança o grupo de Virgolino Ferreira da Silva — *Lampião*.

Não tem rumo certo, porque incerta é a marcha dos cangaceiros. E o rumo do cangaço é o “Deus-dará”.

O sol rebrilha nos rifles cruzetas, nas faces talhadas em bronze, nas lâminas dos punhais e nas medalhas do padre Cícero que trazem ao pescoço. Dois signos do grupo feroz: a medalha do Padrinho do Juazeiro e o punhal afiado do Pajeú.

No meio daquele inferno de cinza e fogo, desfilam os heróis de aço e lama. Caras fechadas, o equipamento rústico pesando nos corpos moídos da caminhada — cartucheira, embornais, mantimentos — os mosquetões doendo nas mãos de tão quentes, o cabelo enorme caindo sob as abas dos chapéus-de-couro. E as alpercatas “xaxam” estrada a fora: *xac ... xac ... xac ...*

Atrás do grupo sinistro vem o chefe, de óculos escuros, a tez queimada de sol, um olho cego e outro vendo por cem.

A frente, submissos como soldados disciplinados, marcham os companheiros da vida áspera: Virgínio, Jararaca, Corisco, Sereno, Chá-Preto, Sabino, Azulão, Volta-Sêca, Luiz Pedro, Cajarana, Mergulhão.

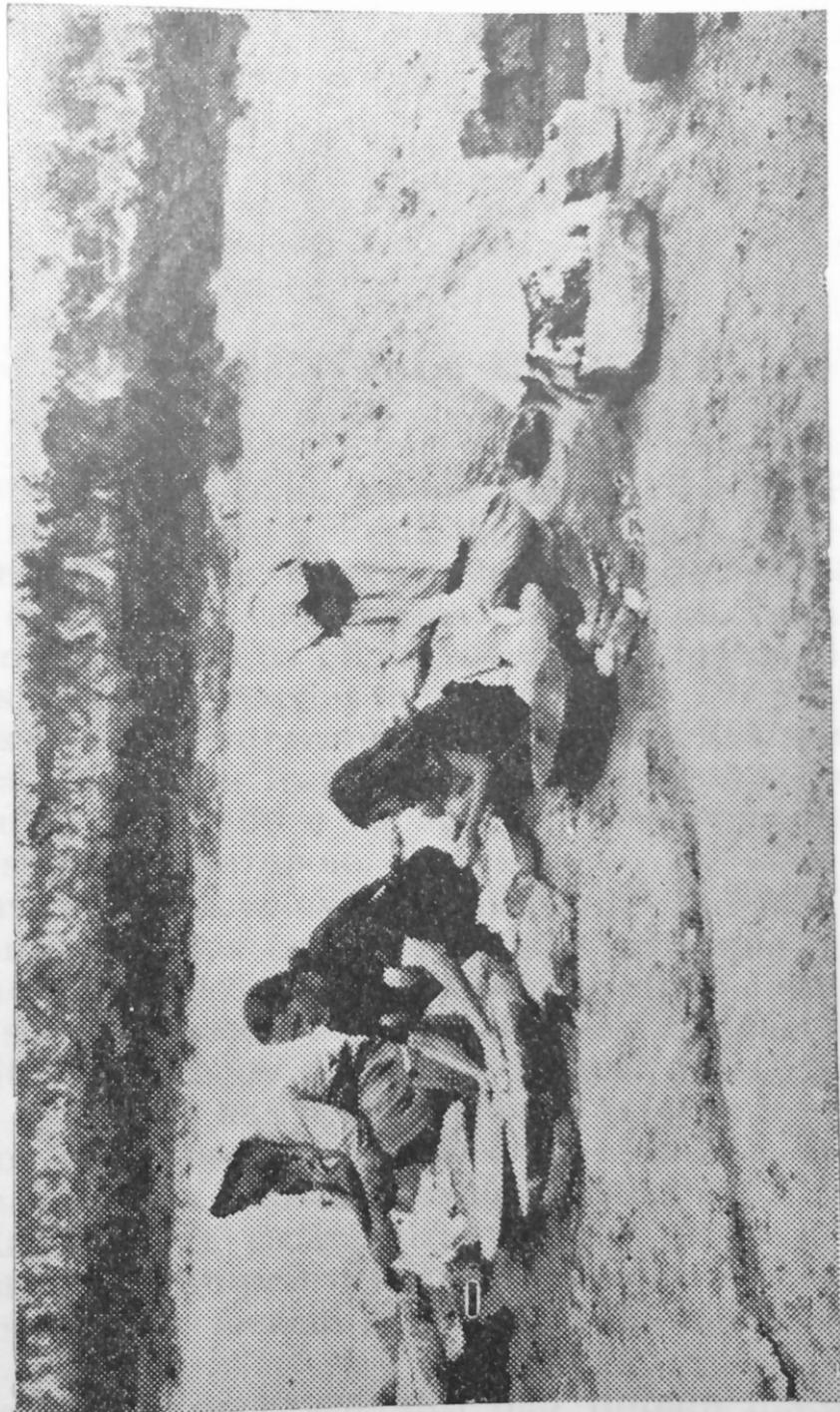
Aquêle punhado de homens tem o diabo no corpo. Debalde a polícia os combate. Nada os vence. Nem bala e nem fome. De nada vale a sêde que di-

lacera as gargantas, nem o labirinto dos caminhos ásperos. Eles estão aqui, surgem acolá, varam Alagoas, cruzam a Bahia, aparecem na Parahyba e no Ceará, batem os caminhos de Pernambuco. É verdade que as "volantes" dão o que fazer. Postam-se, à estrada das vilas ou na curva dos serrotes. De repente estala o tiroteio, na fúria sangrenta das emboscadas. Mas o capitão *Lampião* estende a sua linha de defesa, ordena uma retaguarda fulminante. E desaparece horas depois, deixando a caatinga ensopada de sangue. Ninguém pode com *Lampião* que tem o corpo fechado e a medalha do Padre Cícero brilhando no peito chamuscado da pólvora dos tiroteios. A sua pontaria não falha, nem esmorece a bôca do seu mosquetão que de tanto atirar, clareia como um *lampião*.

Um dia o grupo chegou às portas de uma cidade sertaneja. Aquêlê chão vermelho salpicado de mandacarus agressivos e de quixabeiras imensas é a entrada para o sertão baiano. Mais além, barrento e veloz, corre o rio São Francisco guardando nas águas ligeiras a história dos vaqueiros e dos canoeiros. Aquela velha cidade baiana é JEREMOABO que *Lampião* venceu fâcilmente. Ali mora *Maria Déa*, que fugiria com o bandoleiro e seria mais tarde a *Maria Bonita*. Depois que *Lampião* se retirou, sentiu que algo mudara o seu destino de solitário, humanizando a vida áspera que levava. Doiam menos a picada dos espinhos. E era mais doce a sombra dos juazeiros, mais fria a água dos gravatás e das corôas-de-frade. Sentiu que era uma lindeza a noite estrelada nos descampados. Ficava então tocando sanfona de oito baixos, horas a fio, esquecido das agruras e dos riscos da vida incerta e perigosa. Porque ao seu lado, de rifle à mão, o riso iluminando a face trigueira estava *Maria Bonita* que deixara a calma da cidadezinha tranquila para correr mundo e amar aquêlê homem proscrito, corrido das cidades e salpicado de sangue. Amor estranho e selvagem, feito de sustos

e de sacrifícios. Abraços que os estampidos interrompiam, conversas de enamorados que as emboscadas cortavam. Beijos rápidos trocados ao clarão da luta. Amores precipitados, os corpos machucados rolando na terra dura. Mas, êle era Lampeão, o homem valente cuja fama lhe encherá a mocidade e lhe apaixonara a alma e cujo destino guerrilheiro lhe arrebatara o coração de neta de jagunço. E foi êle que surgiu em JEREMOABO, depois de um combate e lhe disse ternas palavras e doces juras de amor. Depois, ela não pôde mais viver junto aos pais, ao lado do marido, na cidade apagada, que dormia acalentada pelo gemido do rio. E fugiu com o bandido. Ao lado dele viveu tomando parte na aventura daquela vida errante. Até que um dia na grotta dos Angicos, mataram o seu ídolo o *Capitão Virgolino Ferreira Lampião*. E por sôbre o bandoleiro morto, também fulminado pela morte, pendeu o corpo ensanguentado da sertaneja que morreu por amor.

Essa foi a história de *Lampião* e daquela *Maria Bonita* que por êle viveu e morreu. A única flor que desabrochou no coração de pedra do bandoleiro.



Lavadeiras do Pajeú, resignadas, e heróicas.

O CAVALO "ESTRELA DE PRATA"

NAQUELE dia, logo cedo, aquela cidadezinha do Pa-
jeú acordou para a Festa da Vaquejada.
Dias antes, a notícia correu pelas redondezas ocor-
dando o orgulho da vaqueirama. Porisso os vaquei-
ros vieram, exibindo os gibões novos e ostentando a
cabeça os vistosos chapéus-de-couro.

É aos grupos, entraram pelas ruas quietas, alvo-
roçando a cidade, ao tropel dos campeadores, as vo-
zes másculas enchendo o espaço com as notas plan-
gentes e saudosas do aboio.

O povo se acotovelava na praça da Matriz, nos
bares humildes; nos cafèzinhos, uma estranha ale-
gria invadindo tudo naquela manhã festiva e inun-
dada de sol. As moças sorriam sem ver de que e o
vento agitava os laços de fita — róseos, azuis e en-
carnados — presos aos negros cabelos espalhados pe-
los ombros morenos. Os rapazes alinharam o cabe-
lo com brilhantina *Pátria Amada*, vestiram as rou-
pas domingueiras e escanhoaram a face onde sôbre
o lábio superior campejavam os buços afoitos.

Até os velhos vieram à rua, recordando as va-
quejadas antigas.

Nas esquinas os engraxates não tinham mãos a
medir, atendendo à freguesia sentada em tambore-
tes forrados com travesseiros de chita encarnada.

A “pega-de-boi” ia se realizar a uns quilômetros na reta do “prado”, uma planície larga e batida que servia de turfe, campo de futebol e de pouso para os aviões *teco-teco*, quando os “doutores do govêrno” vinham ao sertão, planejar açudes e cavar poços artesianos.

Depois da Missa as duas *fubicas* “Vinte-e-Nove” começaram a transportar as autoridades, os chefes políticos, as personas gratas: o vigário, o prefeito, o sargento delegado, os vereadores e os figurões políticos do “partido de cima”.

Dois caminhões velhos e barulhentos carregavam o povo que também seguiu a cavalo e a pé.

Em pouco tempo a “pista” se encheu. Os vaqueiros formaram então um grande círculo e prestaram uma homenagem comovedora: tiraram os chapéus de couro e ficaram em silêncio, enquanto um dêles, o de peito mais forte e garganta mais famosa, aboiou longamente, em memória dos companheiros mortos. Depois, ao espoucar dos foguetes e sob os gritos da multidão a vaquejada começou. À falta de banda de música, um sanfoneiro ruivo, vindo dos lados do Araripe, tocava sanfona, sentado num tamborete, a cabeça pendida sôbre o *fole*, o cigarro apagado no canto da bôca. Também uma “zabumba” gemia surdamente sob a latada de “saia-de-ariú” com o *mestre do pife* já bêbedo desde o nascer do sol. Ao lado uma velha magra e de olhos vivos, explorava um *botequim*, vendendo aguardente, pão-doce, banana-anã, cocada de faxeiro, rapadura e café, feito com água salôbra da cacimba.

A garçonete era mocinha de quinze anos, de carnção rija, os seios furando o vestido de chita, os lábios pintados, parecendo fruta de mandacaru, os olhos negros derramados para os vaqueiros e tanto meneio e tanta meiguice na voz macia que eu ouvi um vaqueiro moço, estoirando os músculos de aço sob o gibão, dizer para um outro ao *virar* o cálice de pinga:

— Depois que eu derrubar uns garrotes e quando a festa terminar, vou carregar essa santinha para o “oratório” lá de casa.

Ela ouvia a conversa e olhando de soslaio, com a face mais rubra, disse baixinho:

— Num acho!

Depois, sorriu para o vaqueiro, como quem diz:

— Me leve mesmo, danado...

Duas cêrcas paralelas iam dar ao curral onde estavam os bois.

Aberta a porteira, um a um, os *barbatões* avançavam para o corredor. O vaqueiro já estava ao lado, aguardando êsse momento. Então, colado à cela, disparava atrás do garrote e ao chegar junto a rês, enrolava a mão à massaróca do animal e a um puxavão violento, derrubava o bruto, sob o vozerio ensurdecedor da multidão. Uma nuvem de poeira coroava aquêlê momento de perícia e sangue frio. O povo batia palmas embriagado pela façanha.

Os pequenos cavalos sertanejos faziam milagres, ágeis como bala, resistentes e fortes.

A assistência apontava os favoritos:

— Lá vem *Bronzeado!* Ah! cavalinho macho!

— Arreda, que *Pelo-Fino* vem fumaçando!

— Virgem Nossa Senhora! É preciso ter sangue para montar em *Piaba*.

— Aquêlê garrote vai lamber o chão, quem vai nas “orcatas” dêle é *Rajado*. Se o vaqueiro é bom, o cavalo é melhor.

A poeira subia em espirais. O calor sufocava. A zabumba gemia e o sanfoneiro se desmanchava tocando um baião. Um bêbado pernóstico, para bajular, limpando a baba às costas da mão, gritava com a voz pastosa:

— Viva o *curuné!*

Um sujeito da política contrária, se enfezou e perguntou ao bêbado:

— Você está vendo o coronel montado a cavalo, derrubando boi?

— Não.

— Pois então crie vergonha, deixe de latomia e de chaleirismo!

No botequim os cálices rodavam de mão em mão. A mocinha se desdobrava, atendendo o pessoal que comia pão-doce e bebia aguardente.

Então o velho apareceu, a face triste, o ar de amargura, contrastando com o ambiente festivo, montando um pequeno cavalo castanho, bem tratado e bem arreiado, que ostentava na testa uma estrêla maravilhosamente desenhada. Nada mais triste neste mundo, do que a amargura estampada na face de um sertanejo. É uma tristeza que contamina, comove, arraza a alma e machuca o coração da gente. Aquilo era mais um drama na vida de um sertanejo humilde, desajudado e sòzinho, lutando contra as asperezas de uma existência ingrata, feita de amargura e sofrimento. Necessitado de dinheiro para salvar a roça de algodão, onde o mato ameaçava a colheita próxima, êle resolveu trazer o seu cavalo para aquela festa e ali vendê-lo. Chegou ao meio do povo e anunciou a sua intenção. Um moço vaqueiro desejou conhecer o animal. Montou-o, deu as rédeas, *rapou* as esporas, experimentou a *passada* e para remate soltou a brida, numa carreira segura, o cavalo feito uma flecha, rápido e veloz.

Cresceram os olhos dos entendidos. Apareceram os elogios e os candidatos.

— Como se chama o cavalhinho, meu velho?

— *Estrêla de Prata*, para lhe servir.

Um vaqueiro desejou derrubar um garrote montado em *Estrêla de Prata*. Foi à pista pediu um “barbatão” feroso, “prá estudar o cavalhinho”. Atenderam o pedido e à frente de *Estrêla de Prata* disparou um garrote vermelho, “de sedén armado” levantando poeira. O vaqueiro “despejou” atrás, feito bala. Num segundo *Estrêla de Prata* devorou o espaço que o separava do bicho e foi roçar nas ancas do “barbatão”. Dado o puxavão, o animal rolou fragorosa-

mente. As palmas esturgiram e a assistência perguntou de onde veio aquêlê cavalhinho tão ligeiro. Outros vaqueiros montaram em *Estrêla de Prata*. E em novas carreiras êle se revelou o maior campeador daquela vaquejada. O velho, êsse criou alma nova, já esquecido da roça e das amarguras da vida. Sorria embevecido, tomou uns goles e ficou a olhar o cavalo nervoso e azougado, as narinas fumegando, inquieto e pronto para disparar.

Ao findar a festa, um fazendeiro mandou o velho dizer o preço do animal. Outro, fez uma proposta tentadora. O velho, porém, permaneceu calado. E ficou a pensar de que valia se desfazer do cavalo, orgulho da sua velhice e consôlo da vida, companheiro de tantos anos de luta, amigo nas horas duras, capaz de lhe encher o peito e a alma como naquela festa. De que valia, a trôco de algum dinheiro, mandar para longe, para outras terras e para outro dono, o companheiro fiel e inseparável?

Tinha-lhe tanta amizade que até sentiu remorso em ter pensado na venda do amigo. Não venderia, pois, *Estrêla de Prata*. Voltaria com êle para a fazendola. Suportaria a sêca e a crise. Deus por certo daria um jeito nas coisas. Talvez que o tempo melhorasse e êle esperaria um milagre. Mesmo porque já estava acostumado a sofrer. Esperaria mais um pouco. Contanto que ao seu lado, belo e ágil, companheiro de tôdas as horas, fiel e serviçal, *Estrêla de Prata* continuasse como alegria e orgulho daquele resto amargurado de existência.

Disse aos pretendentes que não venderia mais o cavalinho. Foi ao barreiro próximo. Lavou-o. Deu-lhe de beber. Arranjou milho para a ração. E à noitinha, montou e iniciou a viagem de volta.

Atravessou a rua e atingiu a estrada que dava para a fazenda. A lua surgia por traz da serra e um manto de sêda cobria o sertão imenso e adormecido. O vento macio agitava as quixabeiras sonolentas. Bacuraus cortavam o espaço e *Estrêla de Prata*

pisava o chão da estrada, em passo firme e cadenciado. Então o velho falou:

— Não há dinheiro que lhe compre cavalinho. Morremos lá no sítio, um junto ao outro. O seu dono sou eu, acabou-se.

A estrada era uma fita alvacenta que se desdobrava.

A cambraia da lua vestia a cabeleira das barúnas. Das moitas vinham zunidos de inseto. O luar envolvia tudo, as árvores, as serras recortadas ao longe, na curva do horizonte. E *Estrêla de Prata* galopava, dono de si, senhor do caminho que palmilhava. Bem distante, alvejando na noite enluarada apareceu a casa da fazenda.

O velho parou e ficou a olhar a morada, como quem desperta de um sonho. Pôs-se a acariciar a testa do cavalo. E se deixou ficar ali em longo silêncio, alisando a cabeça formosa de *Estrêla de Prata*, como se a mão calejada e ossuda estivesse abandonada, sôbre um imenso e rutilante tesouro.

O DELEGADO E O VIOLÃO

O VELHO sargento nasceu em Floresta, lendária cidade da "ribeira" do Riacho do Navio. Ninguém, no sertão, quer mais bem à música ou cultivava a poesia com tanto carinho como aquela gente de alma simples, que conserva amorosamente o melhor da velha tradição sertaneja.

Nas manhãs domingueiras e nas noites de lua quando os ventos do São Francisco sopram docemente por sobre os casarões adormecidos, os violões gemem em surdina embalando a velha e hospitaleira cidade.

Porisso, logo cedo, êle aprendeu a tocar violão. E no fogo da mocidade, sob os tamarindos seculares, tangeu as cordas tocando as valsas românticas de outrora. Naquele tempo, *Lampião* andava cometendo as suas "tropelias", rei da caatinga e senhor dos descampados. E o grupo sinistro, a fôrça que decidia e resolvia tudo. Porque o seu punhal era a lei. O seu mosquetão a autoridade. Foi quando a vilazinha de Nazaré resolveu *barrar* o grupo sangrento. Surgiram os "contratados" nazarenos os mais bravos e decididos combatentes que enfrentaram Lampeão. Nazaré era um ninho de cobra. Lampeão tinha medo daquela gente e daquela vila como o diabo da cruz. Quando se encontrava com a turma de Naza-

ré era para brigar, de punhal, de rifle e de fuzil. E nunca, depois dos tiroteios com aquêles bravos, o grupo contava vantagem.

Foi quando, no verdor da vida, o velho Sargento se inscreveu no batalhão dos "contratados".

Deixou o violão e "deu de garra" a um rifle cruzeta oitavado. E meteu-se no mundo brabo das caatingas, varou as "travessias", percorreu os itinerários sangrentos, onde as cruces assinalavam os tiroteios com os bandidos.

Correu risco de vida, serviu a Higino, a Manuel Neto, a Optato Gueiros, a Manuel Flor, a Teófanes, aos comandados das volantes que enfrentavam a morte naquela existência heróica e anônima.

Esteve no fogo da Serra do Uman, do Pôço Verde, em Bom Nome e para os lados da Serra Negra recebeu dois balaços no peito. Mas o delegado, moço então, cheio de vida e saúde, não morrera. Curou-se e voltou para o campo da luta.

Depois quando exterminaram o cangaço, três fitas de sargento ficaram orgulhosamente campeando na farda do combatente florestano.

E anos depois, nomeado delegado daquela cidadezinha do Pajeú, o antigo combatente foi descansar das agruras do passado trepidante e agitado.

A vida errante a combater Lampeão marcou profundamente a sensibilidade do velho sargento. A sede, a fome, os balaços recebidos, as noites mal dormidas, o desconforto, a surpresa das emboscadas, tudo isso abalou a alma do sargento. Porisso, hoje é um homem triste, solteirão e amargo. Quando não rabisca as diligências, vive no quarto de hotel modesto, com as suas reminiscências, algumas revistas, as armas que lhe valeram nos combates e ainda guarda como lembrança o par de alpercatas com as quais palmilhou léguas e mais léguas, no encalço dos cangaceiros. E as vêzes, como desfastio, toma do violão e toca alguma coisa "para matar o tempo e a saudade".

CAMINHOS DO PAJEÚ

Um dia dêstes passei pelo hotelzinho, a serviço, pelo sertão.

Palestrei um pouco com o sargento delegado.

Depois êle foi ao quarto, trouxe o violão, companheiro dos sonhos e das esperanças de outrora. Sentou-se ao meu lado. Correu os dedos pelas cordas. Afinou o instrumento. Fêz uns "ensaios". E, amargurado e solitário, os olhos tristes, a face também triste, tocou a princípio tímidamente, depois com alma e entusiasmo. Esqueceu as amarguras da vida. Os perigos que passara. A modestia do prêmio que lhe deram, depois de tanto risco e de tanto heròismo obscuro.

Eu ouvia em silêncio a doce música do violão. A fisionomia do delegado mudara. Um estranho brilho lhe iluminava os olhos. E na face queimada de sol se estampava um ar de doçura e de felicidade.

Desaparecera o sargento. Já não estava ali o solteirão amargo. Porque ao invés do delegado, pareceu-me ver naquela hora o moço romântico de antigamente, de alma fresca e sonhadora, à sombra dos tamarindos onde "seu" Ciato diz anedotas e as moças e os rapazes tocam ao violão velhas valsas de amor. E como se vencesse o passado, lá estava o sargento delegado, sob o manto verde, tocando para a namorada e sonhando com um destino melhor, onde não haveria nem cangaceiros nem tiroteios. O sargento delegado que seria pequeno agricultor e fazendeiro, num pedaço de vazante, na casa de alpendre, junto à filharada e não aquêle herói triste e mal pago, ostentando no fim da vida que oferecera ao Estado e à Sociedade três humildes fitas de sargento, na farda velha e desbotada.

UM CORONEL DA GUARDA NACIONAL

AQUÊLE é o ano de 1881. O moço Augusto Rodrigues de Freitas Caraciôlo vai a cavalo, estrada a fora, em demanda do rio Ipanema, onde mora a sua noiva, na fazenda *Barra*.

O belo cavalo alazão trota airosamente na manhã faiscante. E o noivo é o homem mais feliz do mundo. Saiu cedo de casa, da sua fazenda *Ólho d'Água*, em terras de Sanharó.

A noiva o espera nos campos do Ipanema, onde morre o agreste e começa o sertão. Bem recebido e melhor tratado, o moço noivo passa o dia feliz. As oito horas da viagem a cavalo não o cansaram. Que ninguém sente poeira, nem sol escaldante, nem dura montada, quando vai ver o sorriso e ouvir a doce voz da mulher amada.

O noivado durou meses, as viagens se repetiram. Até que veio o casório, o padre-vigário, a festança, a mesa farta, os convidados riscando os cavalos no pátio, as vozes enchendo o espaço no rumor das saudações:

— Viva a bela sociedade!

— “Viva” os noivos!

Depois o moço Augusto trouxe a espôsa para as terras do Ipojuca, onde é senhor de escravos e fazendeiro abastado.

Os anos passaram. Vieram os filhos. Depois os netos, os bisnetos, os tataranetos que Augusto Caraciolo é rijo e forte, como o miolo da aroeira. Viu a derrubada do Império, assistiu a implantação da República e aos noventa anos, lúcido e são, passeiava pelas ruas tranquilas de Sanharó a sua longevidade, com a mesma afoiteza com que os jequitibás sentem no alto da serra o sôpro das ventanias na ramagem altaneira.

Conheci-o nessa idade, o corpo vergado, a cabeça pintalgada de branco, mas, senhor de uma memória admirável, o riso nos lábios finos e a conversação pitoresca e agradável. Fiz perguntas:

— Quanto valia um cavalo, no seu tempo de moço?

— Se era bom, quarenta mil réis, ruim, nem dado.

— Um bom escravo?

— Um conto.

— E os moleques da senzala?

— Dinheiro a juro. Eu não deixava escrava descansar. Nem possuía negra donzela. Tinha que parir moleque, movimentar a senzala.

Era preciso negro novo para substituir os velhos. Mais braços, mais escravos.

E piscando os olhinhos de ave, vivos e maliciosos:

“Tinha os meus negros *craúnas*, *pais-de-lote*, para reproduzirem”. Acendeu um cigarro que ofereci. Tragou a fumaça vagorosamente. Fêz pausa. E deixou o olhar perdido, vagando além, talvez evocando o passado distante quando soltava o vozeirão no pátio do *Ólho d'Água* e dava as ordens à escravatura, para o trabalho.

Gosto de conversar com os velhos sertanejos a respeito dos tempos antigos. Recolher impressões. Ouvir depoimentos sôbre o passado, registrar fatos, anotar acontecimentos, antes que tudo isso desapareça nas águas do “rio sem memória”. Apanhar e re-

colher ao vivo, testemunhas sôbre o sertão, quando ainda não havia nem trem, nem caminhão, nem rádio. Só o *mundão* de Nosso Senhor, o campo a se perder de vista, sem porteiras nem arame farpado. Quando o bacamarte de fecho de pedra estrondava, correntão de ouro brilhava no peito dos *coronéis*, um cavalo valia o preço atual de uma galinha, moça donzela era um "caso sério", e cabelo de bigode de homem de bem, era selo federal.

Perguntei ao velho Augusto:

— Quantas vêzes casou?

— Duas.

— Quantos filhos?

— Vinte.

— E netos e bisnetos?

— Todos juntos: setenta.

Perguntei se queria casar novamente.

— Pois não.

— Com alguma viuva, ainda nova e fresca?

— Não.

E cortando o ar com a mão espalmada:

— Não gosto de sobejo de defunto.

— Com quem, então?

— Com moça já madura, de *vinte-e-cinco anos*...

E sorriu gostosamente, piscando os olhinhos.

O vento levantava poeira na praça e agitava os ficus-benjamim. A tarde descia, as primeiras estrelas brilhavam quase imperceptíveis, no céu azulado. À minha frente, alquebrado pelos anos, o velho Augusto já não montava a cavalo, nem dansava quadrilha, nem gritava para os escravos no eito, plantando algodão.

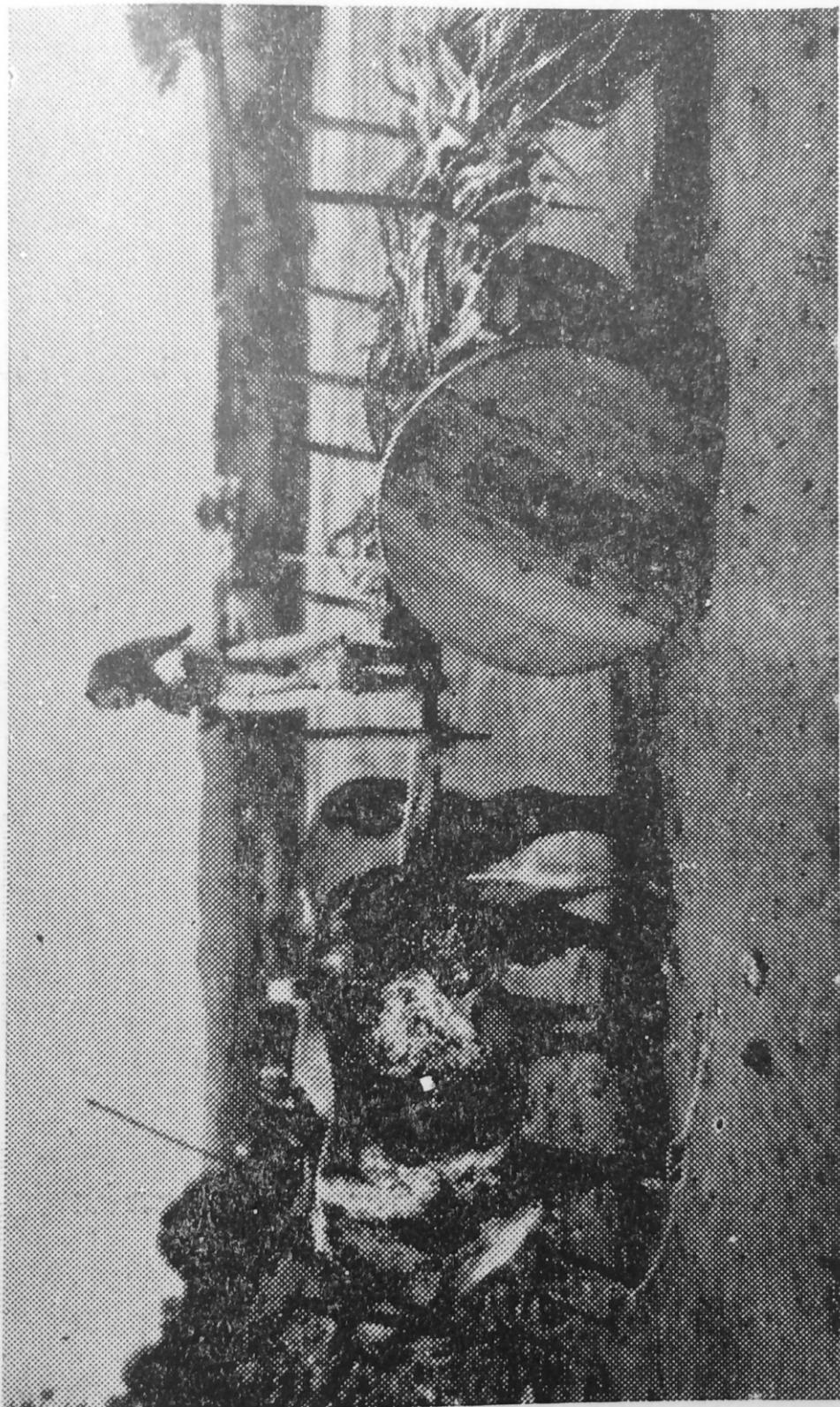
Nem mandava Lourenço Zeferino dormir com as negrotas de quinze anos, para fabricar moleques. Nada disso. Estava velho e curvado para a sepultura, vergastado pelos anos, esperando "*ir conversar com São Pedro*".

Assim conheci, anos atrás, numa tarde quieta de Sanharó, o coronel Augusto Rodrigues de Freitas Ca-

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

raciolo, figura tradicional daqueles mundos, nº 124 da *brigada da cavalaria da Guarda Nacional*, na qual fôra companheiro do meu avô materno, capitão Luiz de Abreu.

Despedi-me do velho Augusto. Apertei-lhe a mão enrugada. Deixei-o evocando o fogo da mocidade, a glória distante da farda da *Briosa*, de botões dourados e espada brilhando ao sol, sentindo já perto a fria mensagem da Eternidade. Porque, pouco tempo depois, os jornais noticiaram a sua morte. Um colapso parou traiçoeiramente o velho coração do coronel Augusto. E com êle se foi para sempre, um bom pedaço da tradição da gente sertaneja.



O carro-de-boi e a matutinha na paisagem do Pajeú

MESTRE "TOTA"

Vi um homem baixinho, de voz sibilante, a cabeça enorme onde campeava a cabeleira farta, falando explicado, senhor de uma gesticulação eloquente, no gabinete do prefeito Pedro Pires, de Tabira.

Era Antônio Celestino dos Santos — Mestre Tota — professor de primeiras letras no sítio Cachoeira Grande, daquele município. E aquêlê homem pequenino, com 1 metro e 20 de altura, de tórax robusto, parecendo uma estátua de atleta partida ao meio, despertou-me a atenção pela sua vivacidade e inteligência.

Dias antes, nas minhas andanças por aquêles sertões, o coronel Pedro Pires havia me dito:

— Você precisa conhecer o Mestre Tota.

Porisso, naquela manhã calorenta, no salão da Prefeitura, enquanto lá fora rolava o borborinho da feira e meu irmão vigário casava uma dúzia de noivos circunspetos ao lado das noivas tão emocionadas que nem siquer pestanejavam, e batizava uma dezena de sertanejinhos de palmo e meio, o prefeito me apresentou o menor professor do mundo, mas um gigante e um herói. De início, espantou-me a vivacidade de Mestre Tota. A voz fluente carregando nos ss, aborda vários assuntos com segurança e presteza. Falou-me do seu devotado amor à carreira que abra-

çara. Dos espinhos da vida. Da cruz pesada do magistério que carregava aos ombros desde rapazola, já tendo alfabetizado mais de mil crianças dos sertões, percebendo no início da profissão apenas quarenta cruzeiros mensais. Depois, num belo gesto de solidariedade e compreensão humana o coronel Pedro Pires lhe concedeu uma subvenção mais condizente com o seu mister. E ali estava diante de mim, Mestre Tota, um pigmeu-gigante, que venceu a si mesmo, superou o defeito físico com que a natureza ingrata lhe marcara, anulando o complexo de inferioridade trazido do bêmço, aprendeu a ler e a escrever, num exemplo admirável de autodidata contando consigo mesmo, naqueles mundos ásperos de faxeiros e mandacarus.

Varava as noites estudando, movido por uma vontade de ferro, agarrado aos volumes que ia adquirindo por empréstimo e quando se viu senhor de pequeno cabedal cultural, começou a lecionar pelos sítios e fazendas, espancando as trevas da inteligência dos sertanejos. Onde chegasse Mestre Tota, a pé ou montado na sua burra, com os livros e os cadernos debaixo do braço, a escuridão desaparecia para dar lugar ao clarão da carta de ABC. Um rastro de luz acompanhava os passos daquele homemzinho insignificante, percorrendo as "ribeiras" do Pajeú, como u'a mensagem de Deus, rasgando os véus da ignorância. Comovi-me diante do Mestre Tota, tão modesto e tão pobre, pai de família numerosa, aos 42 anos de idade, dando uma grande lição aos professores do mundo inteiro, êle que jamais cursara escolas, que nunca se afastara daqueles mundos incultos, sem meios e sem livros, repartindo porém com os outros o pouco que aprendera, a golpes de tenacidade fazendo assim do magistério o sonho luminoso da sua pobre vida e a razão de ser da sua existência atribulada. Lembrei-me dos que traem o magistério, dos destinos gorados na mais bela missão do mundo que é ensinar. Dos que se fantasiam de professores. Que exemplo for-

midável oferece êsse professor primário de Tabira. Mestre Tota me falou da sua escola. E ao apertar a mão na despedida, convidou-me à visitá-lo.

E numa voz afável, os olhinhos brilhando, êle re-matou:

— O moço não vai reparar a modestia de lá. Escola do mato é coisa pobre...

Não, mestre Tota; não repararei a pobreza da sua escola. Um dia irei a Cachoeira Grande. Chegarei sem aviso e de surpresa. Sei que a sua escola é uma casa pintada de branco e na frente se estende a várzea, onde após a faina da aula, você cultiva milho e feijão. Entrarei na sala e os seus alunos ficarão surpresos. Eu lhe levarei o que prometi: a edição ilustrada de "Os Sertões" do grande Euclides da Cunha. Também um livro de viagens que você me pediu "para dar um passeio pelo mundo". E direi aos seus alunos:

— Meninos, vocês devem sentir orgulho do Mestre Tota. Êle é pequeno no tamanho mas é um gigante. Conheço homens de quase dois metros de altura que não são dignos de desatar as pobres alpercatas do vosso mestre. Porque o metro e vinte de altura de Mestre Tota é tapiação. Êle é tão grande que a cabeça chega a tocar o céu.

Talvez os meninos se espantem com êsse meu palavrorio. Mas, você merece, Mestre Tota. Muito mais.

VINGANÇA DE CABOCLLO

CHEGOU cabisbaixo, o cabelo caindo na testa ampla e um ar de amargura na face queimada de sol, onde a barba crescida aumentava a tristeza ali estampada.

Entrou em silêncio, colocou a enxada ao canto da saleta humilde e pendurou o aió de caroá no gancho de madeira fincado na parede. E, de lábios cerrados, sentou-se no tamborete junto à mesa tósca, fêz vagarosamente um cigarro, acendeu-o, ficou fumando e cismando.

Cabocla olhava tudo aquilo, também em silêncio, o coração sangrando. Olhava o seu homem abatido, uma surda revolta lhe corroendo a alma. Então recordou o tempo antigo, quando êle chegava assoviando, de alma ligeira e coração alegre, fazendo sustos, disparando a clavina, puxando-lhe as orelhas e, de repente, todo desmanchado em carinho, beijando-lhe a bôca, o pescoço, o colo de rôla.

Cabocla se condeu ao vê-lo sofrer e permaneceu imóvel, sem falar.

Um mundo de pensamentos lhe enchia a cabeça. Ela é que fôra a culpada de tudo. Tinha vontade de pedir perdão, de se ajoelhar aos pés dêle, molhá-los de lágrimas, voltar a ser amada... Mas, não, homem como êle não perdoaria nunca... Quando não

matava, com dois estampidos secos de garrucha, tinha maneira mais cruel e dolorosa de se vingar: despresar.

Porisso Cabocla ficou quieta. O silêncio dêle era a maneira de mandá-la embora. Desaparecer da vista. Sumir-se. Um jeito de matá-la devagarinho, deixando-a viva para sofrer a dor tremenda do abandono, a mágoa da separação para todo o sempre. Essa era a vingança do caboclo. Para que sujar a faca de homem valente, se a morte pior era deixar morrer, roída de remorso, jogada ao léu, andando pelos caminhos vários do mundo de Nosso Senhor? Então Cabocla rememorou tudo.

Num minuto desfilaram na sua lembrança os dias passados, a sua chegada ali, anos atrás, o ranquinho novo barreado e limpo, a festa contínua que fôra a vida, ao lado dêle, até que sucedeu aquela desgraça. Ela nem sabia explicar como fizera aquilo. Na verdade êle não merecia tamanha afronta, era bom, generoso, capaz de por ela morrer e matar. Porque não a matava? Porque também estava vivo o miserável que conseguira, com lábias e maldade, fazer desabar aquêle mundo singelo de felicidade, destruir a união de duas almas simples que se haviam encontrado.

Ou se vingaria depois, esperando primeiro varar o peito do outro, para depois fazê-la cair, também fulminada pela garrucha? Êle permanecia imóvel, fumando, a cabeça pendida, o amargor boiando nos olhos pisados. E então falou. Não era a voz antiga, do amigo. Disse apenas:

— Você pode levar tudo que lhe dei. É seu.

Ela percebeu a decisão final. Compreendeu que era o fim.

Deixou a sala, foi para o quarto. Reuniu tudo o que tinha, tão pouco que coube na trouxa modesta: os vestidos de chita, os frascos de cheiro, duas estampas de santo, o chale novo quadrejado de azul. Voltou. Passou por êle que permanecia sentado, fu-

mando. Não teve coragem de falar. Porque? Na sala, ajeitou o cabelo, calçou as sandálias. Como lhe doeu a lembrança da oferta: êle com o embrulho sob o braço, dizendo: "Se ficar grande, diga que eu irei trocar". Mas dera certinho, emprestando-lhe maior graça ao andar airoso. Apanhou a sombrinha. E a trouxa das bugigangas. Abriu a porta. Olhou para êle, quis falar e não teve ânimo. Mesmo porque êle nem levantou a cabeça. Desceu os degraus da porta, atravessou o terreiro, limpo e varrido, tomou o caminho e foi avançando.

O vestido de chita encarnada se distanciava. A tarde caía, o sol se afogando numa nuvem de sangue. O caminho atravessava a roça que êle regava com o suor de todo o dia, acordando de madrugada e de lá regressando ao escurecer.

Cada passo aumentava a dor de Cabocla. Lá estava a casita alegre onde fôra feliz, as janelas rasgadas e, ao lado, o pé de jasmim-bravo, pintalgado de flôres miudas. Caminhou. Era preciso andar, chegar cedo à casa dos pais que moravam longe. Na curva do caminho, parou, respirou com fôrça e, pela última vez, olhou para o ranchinho distante. Pensou no homem que traíra, sem saber explicar tamanha miséria. Por certo que êle estaria sentado ainda, sofrendo sozinho no rancho. E quem lhe faria a ceia daquela noite? Quem lhe acariciaria a cabeça povoada de sonhos maus e lhe acalmaria o coração, batendo ao pêso de tanta dor?

Foi andando. A imagem do rancho se diluiu, esfumada pela distância, como um quadro apagado. Mesmo porque, quentes e grossas, as lágrimas lhes saltavam dos olhos, rolando pela face. E ninguém pode ver com os olhos rasos d'água...

ARIGÓ NO ASFALTO

NAQUELA cidadezinha sertaneja, o sujeito apregoava as maravilhas do Sul, a vida fácil em São Paulo, trabalho prá todo mundo, o dinheiro dando “no meio da canela”, nas terras vermelhas do Paraná. E avisava que o caminhão estava de partida, levando quem quisesse melhorar de vida, deixando a vida braba do sertão estorricado.

A propaganda ficava queimando na cabeça da matutada que por fim, resolvia vender o resto dos *teréns*, juntava os cacarécos e, com a família, abalava para a aventura de tentar a vida nas terras estranhas.

Foi assim que o moço deixou o sítiozinho numa vazante do Pajeú, pagou a passagem no caminhão, um *pau-de-arara* barulhento, que veio gemendo ao pêso de tanta carga: homens, mulheres e meninos, amontoados como animais no veículo sem confôrto e sem higiene. No alto da carga, no mastro que sustinha a cobertura que era um velho encerado verde, vinham também uns papagaios palradores como lembrança do mundo ingrato que ficava para traz, cheio de miséria, sob as garras da estiagem cruel.

A viagem foi dura, tanta sujeira nunca se viu, a comida ruim feita ao Deus-dará, a poeira braba e os *catabios* machucando os corpos moídos de fadiga. E o *pau-de-arara* correndo, engulindo quilômetros, va-

rando serras, devorando planícies, roncando na estrada que parecia não ter mais fim. Vez por outra, um dizia:

— Ah! mundão besta de grande.

“Mas se o mundo era grande, Deus era maior”, respondiam.

O moço do Pajeú olhava a paisagem que se desenrolava diante dos olhos pisados, e cheios de poeira, tão diferente das terras do norte, sem o verde dos juazeiros e os braços agressivos dos mandacarus.

Até que um dia terminou a viagem e o Sul apareceu aos olhos dos *arigós*.

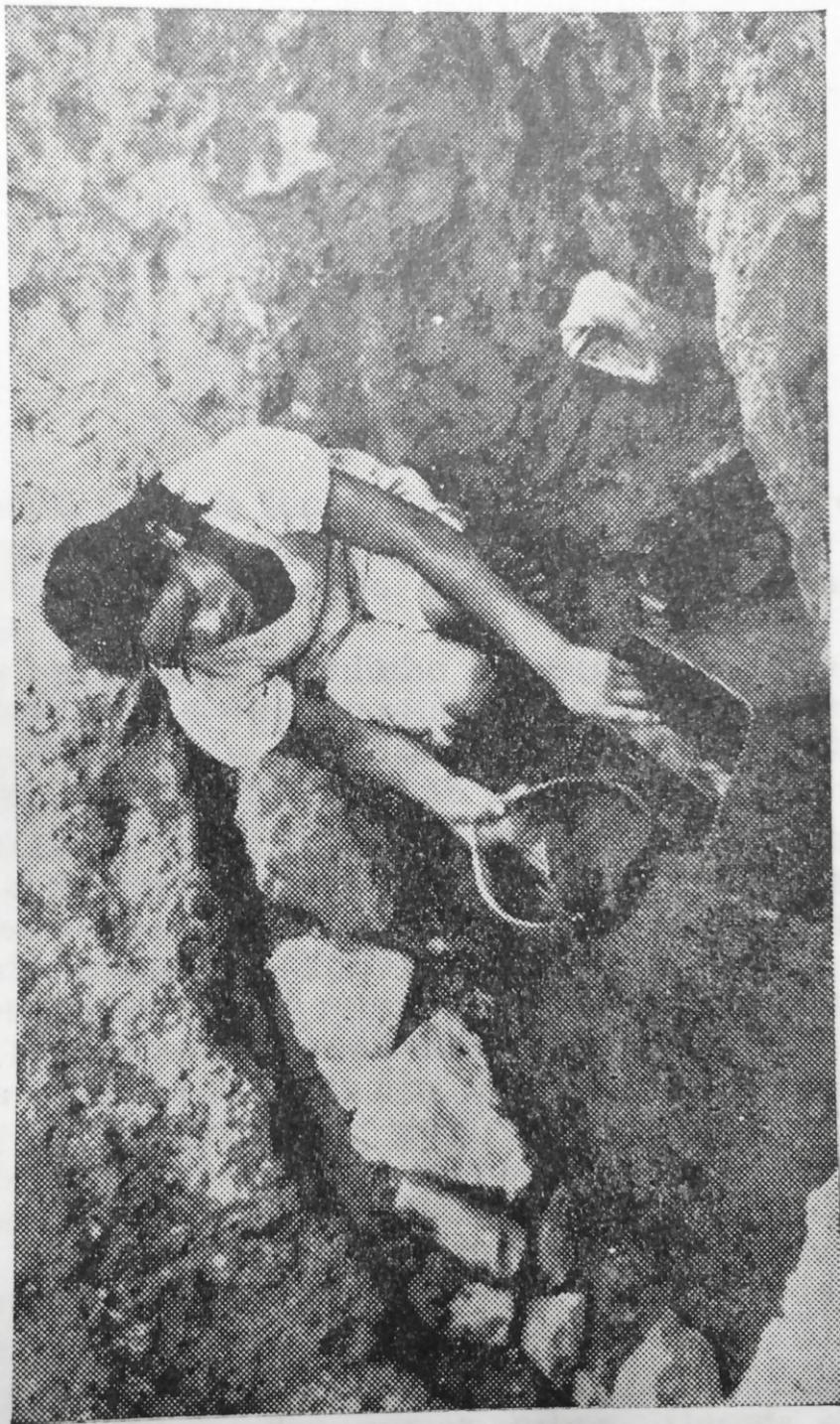
Saltou, apertou com fôrça o palitô de brim, a ver se no bôlso interior estava a carteira ordinária onde guardava as magras economias que trouxera, produto da venda de alguns *bichos* e dos cestos de cereais da última safra. Procurou um hotel ordinário e no outro dia saiu a procurar trabalho, disposto a arranjar um *gancho*.

A princípio ficou desorientado, uma sensação de vertigem lhe subiu à cabeça ao ver os automóveis em disparada, chispando no asfalto e gritando nos freios, olhando os arranhacéus e se equilibrarem no alto e todo o rumor, todo o fragor da cidade imensa e agressiva perturbou a paz do seu coração acostumado à pasmaceira da roça. Milhares de pessoas iam e vinham no tumulto das ruas, bondes rolavam e aviões roncavam no céu, tudo isso lhe deu arrepios de medo e de insegurança. Arranjou trabalho numa construção para os lados do Leme. E começou a juntar alguma coisa pensando na volta, porque não o deixava a saudade dos pais, dos irmãos, do sítiozinho quieto, perdido numa dobra de serra, ao lado do Pajeú. Foi indo, suportando tudo, tentando se acostumar ao mundo estranho da cidade barulhenta.

Numa noite não conseguiu dormir. De manhã, pediu a um companheiro mais sabido que o ajudasse a escrever uma carta aos velhos. Depois foi ao Correio, comprou o sêlo, pregou-o ao envelope, e, tí-

CAMINHOS DO PAJEÚ

mido, perguntou à mocinha do guichê aonde a depositava. Diante da Caixa Postal uma sensação de abandono lhe invadiu, machucando o coração. A vista turvou-se, os olhos começaram a arder. Tirou apressado o lenço sujo do barro da construção. E várias pessoas olharam indiferentes para aquêle moço matuto que estava com os olhos avermelhados, desajeitado e confuso, parecendo um menino grande.



Cabocla do Pajeú, apanhando água na cacimba. Será mãe de vaqueiros e de "cabras" valentes.

XARAPA

A CANÇÃO vem de longe. Acorda a lembrança e sacode a memória, vinda do fundo do Tempo, doce e envolvente, percorrendo de volta os caminhos da infância.

Eu era o mais taludinho do grupo, criado ao sol e à chuva, seis a oito “capitães de areia” dos marmeleiros e das malvas da Fazenda *Cangalha*, na vila da Custódia, que branquejava ao sol do sertão.

Devia ser maio ou junho, íamos pela vereda estreita e de repente, num deslumbramento, apareceu aos nossos olhos atônitos o açude cheio, sangrando na fúria da enchente. Moitas verdes boiavam na água barrenta, onde o sol rebrilhava e as andorinhas ligeiras molhavam as penas nos vôos curtos de flecha.

No ar pairava o cheiro forte da terra molhada, o odor da vegetação que surgira, de noite para o dia no milagre das primeiras chuvas, tapetando de verde o sertão, que ressurgia feliz. A babugem enchia o olfato, perfume agreste de mato novo surgindo da terra molhada, estadeada ao sol, salpicada de flôr-de-jurema, na festa da fecundação.

Parámos no alto e ficámos olhando a paisagem fulgurante, diante dos nossos olhos. Depois sentei-me à sombra de um pé-de-turco que floria ao lado, crivado de florzinhas amarelas. Ao redor, em silên-

cio, o grupo aguardava ordens: Jobelino, de riso largo, Pedrinho que chamava *manancia*, Apolínio, invencível na baleadeira. Erasmo, orgulhoso no canivete *Corneta*, "Lulú", de claros olhos e cabelos caídos à testa, Quincas e Abraão, êste o caçula da turma, gordinho e rosado, chorando com a picada das urtigas.

Também havia a *india*. Sim, ali estava Xarapa, de negros cabelos e talhe delgado, ágil como as corças, que a fome tangerá de Vila-Bela para a vida farta da fazenda de "seu" Nemésio Rodrigues.

Um dia ela chegara, de olhos baixos e voz sumida, vestida de trapos, cabelos endurecidos pela poeira das estradas, quase nua e faminta, pedindo um pouco d'água e um pedaço de pão.

Dona Marta lhe matou a fome e lhe cobriu o corpo que desabrochava.

Ela ficou ajudando a preta Ana, nos afazeres da copa.

E quando a gente varava o mato em busca de fruta silvestre e de ninhos de pássaros, de uma curva qualquer dos caminhos, ela saltava à nossa frente, os olhos brilhando, o cabelo solto, o corpo esguio e moreno, ligeira como as corças. Nós a batizámos de Xarapa.

Porque ela era do grupo, tinha direitos adquiridos, tomava parte nas brincadeiras e nas traquinadas e quando menos se esperava, desaparecia, voltava para a preta Ana, chegava desconfiada, a malícia nos olhos de amêndoa, pisando de leve, com pés de gato.

E sem palavras, lavava os pratos, levava a ração aos porcos, varria o alpendre e o terreiro. Logo mais, porém, quando menos se esperava, lá estava ao nosso lado, caçando ninho de rôla e de pomba avoante, procurando umbú maduro e murta cheirosa. Ali à beira do açude, ficamos olhando a água nova, o vôo certo das andorinhas, a paisagem deslumbrante do açude sangrando.

De repente Xarapa começou a cantar uns versos magoados que ela trouxe de Vila-Bela. Talvez a lem-

CAMINHOS DO PAJEÚ

brança do pai morrendo à míngua, intoxicado com farinha de mucunã, a mãe desgrarrada pelo mundo; dois filhos nos braços e um no ventre, talvez a viacrucis da retirada exaustiva, sangrando os pés nos caminhos, tudo isso amolentou a garganta e adocicou a voz de Xarapa.

Porque a música era tão triste que doía na alma e nos chumbava em silêncio.

O tempo apagou os versos daquela canção dolorosa.

Só a música persistiu, a melodia é que ficou na memória, plangente e magoada como um poema que tivesse perdido as palavras e ficasse gravado na lembrança feito somente de sonoridade.

FLOR DE JUREMA

Tu és a Terra. Ela está palpitando no teu sangue e na tua carnação rija, presente e real nos teus gestos e nos teus desejos. Teus seios guardaram o impulso dos pássaros no vôo e os teus braços lembram as hastes que sobem para o céu, pedindo sol.

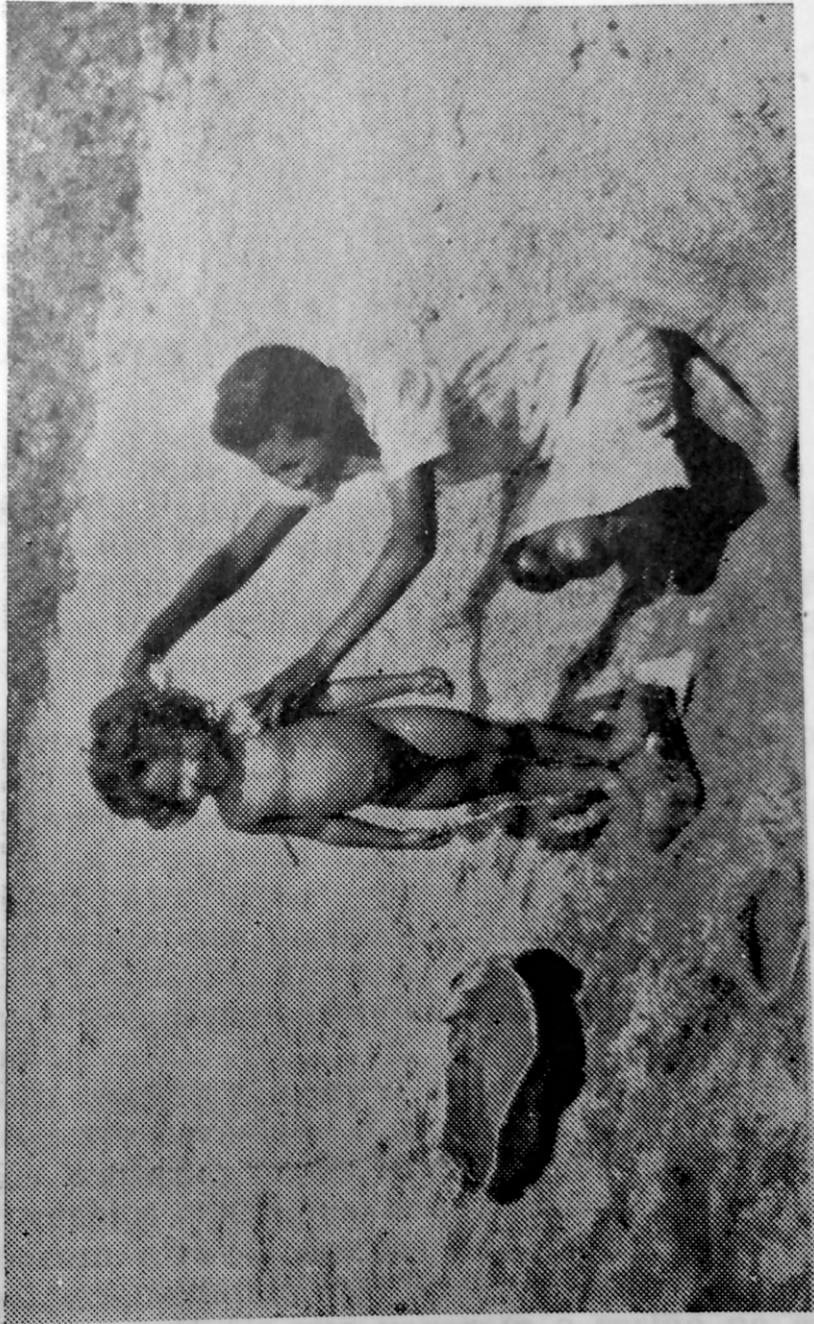
Um dia os teus olhos meninos se refletiram nas águas do Pajeú. Aquêlê minuto de deslumbramento ficou na tua retina. Porisso os teus olhos lembram o mistério do rio, rolando grave e profundo, sob as ingazeiras.

Tu és a terra, as coisas simples falam nos teus gestos e teus nervos estremecem ao ouvir o vento livre acariciando a testa de bronze das baraúnas e vergando a frente das caraibeiras em flor.

Certa vez te surpreendi, quieta e pensativa no alpendre. Olhavas fixamente a paisagem que se desenrolava estirada na planície e galgando a curva azulada da serra. O teu perfil se recortava no espaço, como numa moldura viva de árvores e de céus. O vento agitou de leve os teus negros e esvoaçantes cabelos, te envolveu tôda, numa longa carícia silenciosa. Era o sentimento da terra que te invadia e eu não falei nem perturbei a paz pousada na tua face, para guardar aquêlê minuto de silêncio, como se a tua alma e o teu coração estivessem recebendo a men-

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

sagem da terra morena, onde o teu coração deita raízes. Ficaste parada no Tempo e no Espaço, tocada no milagre de ver e sentir a Terra, como se misteriosas antenas estivessem captando a música estranha que vem do chão, porque a terra é mãe e as mães cantam baixinho que só os filhos entendem. Tu és filha do sertão adusto, onde os rios escachoam no inverno, contando a história dos vaqueiros e dos violeiros. Tu és a Terra. Porisso a tua presença é poderosa, oh! lábios de mel silvestre, fruta do mato que guarda o cheiro das madrugadas, flor de jurema, brotada nas ribas do Pajeú.



Esse é o "banho-de-cuia", no Pajeú

ADÁGIOS E PROVERBIOS DO PAJEÚ

Ninguém pode riscar o adágio e o provérbio da linguagem do Pajeú, da conversação monótona e arrastada da sua gente simples.

Os novos hábitos e os costumes impostos pelo progresso estão modificando profundamente a paisagem humana e mesmo geográfica do lendário rio sertanejo.

O trem, o caminhão, o cinema e o rádio, são os principais responsáveis por essas mutações e vão aos poucos imprimindo na alma do povo, como um sulco profundo, uma nova mentalidade.

Um ou outro aspecto peculiar à “ribeira” famosa é que teima em permancer indiferente às injunções da Civilização, ficando dêsse modo, quase miraculosamente, fiel as tradições e as raízes do “pajeusismo”.

Assim acontece com o linguajar pitoresco do povo, cuja voz arrastada e monótona é uma das mais saborosas tradições locais intercalando nas conversações provérbios e adágios, a que chamam *ditados*, os quais vieram através dos séculos, transmitidos pelas gerações, emprestando ao fraseado tôda a autenticidade dos ancestrais que vararam o sertão na aventura do desbravamento e fundaram as primeiras fazendas de gado e bateram os índios cariris, na ma-

nhã trepidante, quando os sesmeiros vieram da Casa da Torre para a conquista do rio dos vaqueiros e dos cangaceiros. Estou recolhendo pacientemente as sentenças e os adágios do Pajeú. Vez por outra os surpreendo nas conversas com a matutada e os anoto no caderno, o que faço nas minhas andanças pelos sítios, fazendas e cidadezinhas quietas. Gosto de conversar com os antigos fazendeiros, com as velhas matronas, com os padres-vigários, com os comerciantes, muitos dos quais ainda se orgulham da “patente” de *coronéis* da Guarda Nacional, gente da velha cêpa, integrante do patrimônio daquela tradição que o trem, o caminhão e o cinema estão criminosamente solapando. E’ preciso captar a confiança, ouvi-los com vagar, provocar os assuntos e esperar que no decorrer da palestra lá venha o adágio gisando a frase, clareando um pensamento, ilustrando uma passagem da narrativa, reforçando uma comparação que êsse é o papel do velho provérbio que o avô já dizia no banco do alpendre da fazenda, no pátio da igreja, depois da missa de “seu” vigário ou no pátio da vila, nos dias das eleições, *a bico de pena*. Para muita coisa o povo do Pajeú tem um *ditado*. Êle sente prazer e gosta de usar o provérbio que lhe salta dos lábios numa demonstração de maturidade e experiência, por “êsses caminhos de Nosso Senhor”.

Gostam de aconselhar aos mais moços, como outrora o foram, com os adágios e as comparações.

Certa vez, um fazendeiro, meu amigo, ao acordar, viu o filho — um rapazola arreliado — regressando, de manhãzinha, de uma dança que se realizara na vila próxima. O velho se encheu de indignação por aquela “relaxação” e o repreendeu, no pátio da fazenda, onde o gado esperava ser desleitado. Que aquilo era malandragem grossa, que não admitia aquêles desrespeito e *patati-patatá*. Depois, mais suave e persuasivo, falou para o filho que o ouvia em silêncio, chumbado ao chão:

— Meu filho, essa história de baile não adianta, só lhe pode atrasar. Comecei a vida calçando alpercata. Trabalhei; nunca perdi tempo com dança e hoje estou de botina.

Fêz uma pausa. Depois retomou o “sermão”:

— Você hoje está de botina, mas se começar a se meter com bailes, vai para as alpercatas.

E num remate incisivo e curioso:

— Sabe qual é a distância da alpercata p’ra botina? Mil láguas. E da botina p’ra alpercata, só meia leguinha de dedo.

Foi a admoestação mais original que eu ouvi, na vida.

No Pajeú dizem com fôrça:

O carro não anda adiante dos bois.

E quando se abalam, mundo a fora, tentando o trabalho em outras paragens, levam no bolso interior do palitó a oração do Anjo-Custódio e arriscam a sorte dizendo:

Cobra que não anda, não engole sapo.

Enchem-se de precaução na terra estranha:

Boi na terra alheia até as vacas lhe dão.

O homem do Pajeú respeita o chefe da clã, acredita no prestígio da política, dá um valor imenso ao coronel que tem fôrça p’ro govêrno:

Na sombra do cachorro, a galinha bebe água.

Só se deve encostar a pau que dá sombra.

Prato grande é que forra o buxo.

Também, no Pajeú, não se gosta de paliativo:

Pancada grande é que mata cobra.

Desgraça pouca é bobagem.

Prejuízo pouco é lucro.

Apesar do sangue esquentadiço, do temperamento jagunço que explode por dá-cá aquela palha, diz o sertanejo daquelas bandas:

*Quem corre cansa, quem anda alcança.
De vagar se vai ao longe.
Preá, de sabido perdeu o rabo.
Cachorro, de vexado, nasceu com os olhos fechados.*

Veza por outra o sentimento religioso traduz a fé inabalável:

*Deus dá o frio conforme a roupa.
Quem não fala, Deus não ouve.
Cada qual cuide de si e Deus de todos.
Deus ajuda a quem cêdo madruga.
Deus só dá toucinho a quem não tem cambito.*

Ou então:

Mais vale quem Deus ajuda, do que quem cêdo madruga.

O pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada.

Segrêdo de São Tomé, só não ouve quem não quer.

Pelas abelhas de São Pedro pagam as de São Paulo.

Às vêzes afirmam:

Mais vale dinheiro em caixa do que amigo na praça.

Ou então, conforme as circunstâncias:

Mais vale amigo na praça do que dinheiro na caixa.

CAMINHOS DO PAJEÚ

Há provérbios que são relatados em pequenas histórias. Por exemplo: — Um pai diz ao filho:

— Levante-se, meu filho, que o marinheiro por se acordar cedo achou um saco de dinheiro.

A que o filho respondeu:

— Ora, meu pai, mais cedo andou quem o perdeu.

Acreditam, porém, com mais força, no dinheiro guardado na caixa, na “burra”, no “pé-de-meia”. Amigo, só para alguma “cerconstança”.

O senso da previdência aparece no fraseado original:

Godero disse que eu goderasse, comesse do seu e o meu guardasse.

Um homem prevenido vale por dez.

Quem não olha p'ra frente, atrás se fica.

Mais vale o pouco da gente que o muito dos outros.

O amor ao chão duro, à terra comum explode nas sentenças incisivas:

Boa romaria faz, quem em sua casa está em paz.

De terra alheia só a cova.

Sombra doce é a de casa.

Se queres ver o teu vizinho pobre, transforma os seus bens em cobre”.

Pregam a solidariedade:

Dois não brigam, sem um querer.

Faço o bem, não escolha a quem.

As vêzes reponta o fatalismo da raça que rola no sangue, desde o amanhecer da terra, quando os tambores ruflavam nas pajelanças cariris:

LUIZ CRISTOVÃO DOS SANTOS

*Quem nasceu quartau, não dá p'ra cela.
Quem nasce penso morre torto.
O que tem de ser tem muita fôrça.
Casamento e mortalha no céu se talham.
Ruim termina o que mal começa.*

Evita-se falar mal de alguém, por traz, porque:

Tôda ausência é atrevida.

Há o rompante de valentia jagunça:

Quem vai dar, leva o saco.

Repetem adágios originais, recebidos dos avós e transmitidos aos netos:

Político é como feijão na panela: só sobem os pôdres.

*Quem come do meu pão, prova do meu cinturão.
Galo onde canta, janta.*

Quando se vêr muita farofoa é sinal de pouca carne.

Velho, panela e rêde se acabam pelos fundos.

Sábado de Aleluia, carne no prato, farinha na cuia.

Papagaio come o milho, periquito leva a fama.

E' enxerido que só carne assada. Em todo canto se encontra.

E' feio que só briga de foice.

Ruim que só terra quente.

Formiga sabe que roça corta.

Ruim que só a palavra "não".

No meio de duas pedras: côco.

Quem vai p'ra cochicho é pai de moça.

Quem dá o que lhe dão merece um bordão, pau na cabeça do pidão.

Quem o feio ama, bonito lhe parece.

CAMINHOS DO PAJEÚ

Nos pequenos vidros se guardam os grandes perfumes.

Quando caem os dentes, enlarguece a garganta.

Quem ama a miséria nela se acaba.

Não adianta gritar por São Bento, depois que a cobra mordeu.

Mais vale uma má arrumação do que uma boa questão.

Quem tem padrinho não morre pagão.

P'ra soltar boi abre-se a porteira. P'ra juntar, cadê gente?

Cada qual sabe onde o sapato lhe aperta.

Em terra de cego, quem tem um olho, é rei.

Em terra de sapo, de cócoras com êle.

O boi solto se lambe todo.

Desculpa de amarelo é comer terra.

Quem não tem cachorro, caça com gato.

Estou na missa, sem ver o padre.

Quem disso usa, disso cuida.

Quem muito quer, sem nada fica.

Quem muito fala, muito erra.

Aí estão alguns dos muitos provérbios e adágios, usados sempre no linguajar, simplório da gente do Pajeú.

ÍNDICE

PAJEÚ: UM RIO DO SERTÃO	11
“MUIÉ RENDEIRA”	19
DO ALMOCREVE AO “CALUNGA” DE CAMINHÃO	25
UMA FEIRA NO SERTÃO	31
A BATINA E O BACAMARTE	37
O CANTADOR INÁCIO DA CATINGUEIRA	41
UM VIGÁRIO DO PAJEÚ	53
LAMPEÃO: AMOR E CANGAÇO	59
O CAVALO “ESTRÊLA DE PRATA”	69
O DELEGADO E O VIOLÃO	75
UM CORONEL DA GUARDA-NACIONAL	79
MESTRE “TOTA”	83
VINGANÇA DE CABÔCLO	87
ARIGÓ NO ASFALTO	91
“XARAPA”	95
FLOR DE JUREMA	99
ADÁGIOS E PROVÉRBIOS DO PAJEÚ	101

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO NAS OFICINAS
GRÁFICAS DA *EMPRESA*
JORNAL DO COMMERCIO
S. A., PARA A EDITORA
NORDESTE, EM FEVEREIRO
DE 1954.